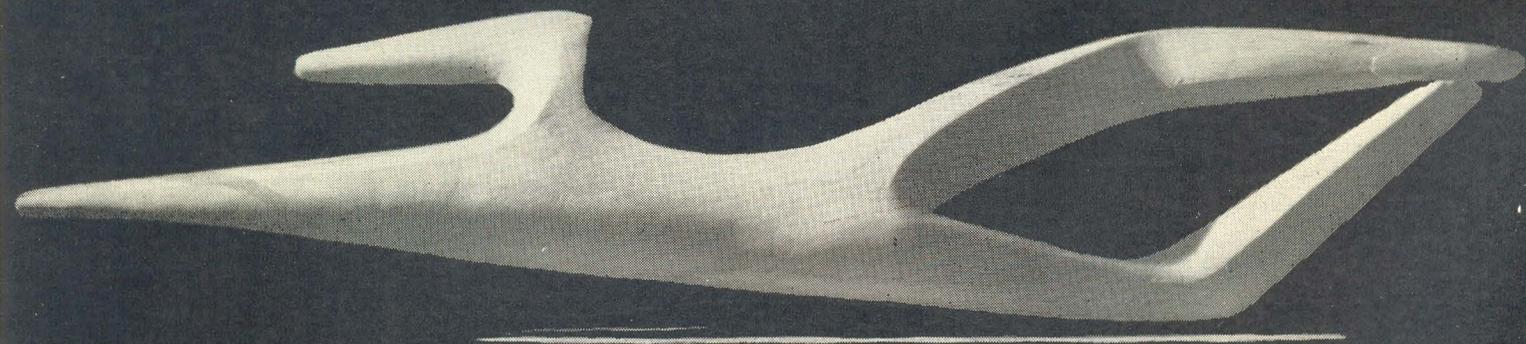


brasiliana

14



REVISTA DA COMPANHIA URBANIZADORA DA NOVA CAPITAL DO BRASIL



Direção: Nonato Silva
Layout e capa: Armando Abreu e Hermano Montenegro
Publicação da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil. Toda correspondência: Divisão de Divulgação da Novacap, avenida Almirante Barroso, 54 - 18.º andar, telefone: 22-2626, Rio de Janeiro - Brasil.
Nossa Capa - Escultura de Alfredo Ceschiatti para o Palácio da Alvorada.

b.

Brasília, uma realidade

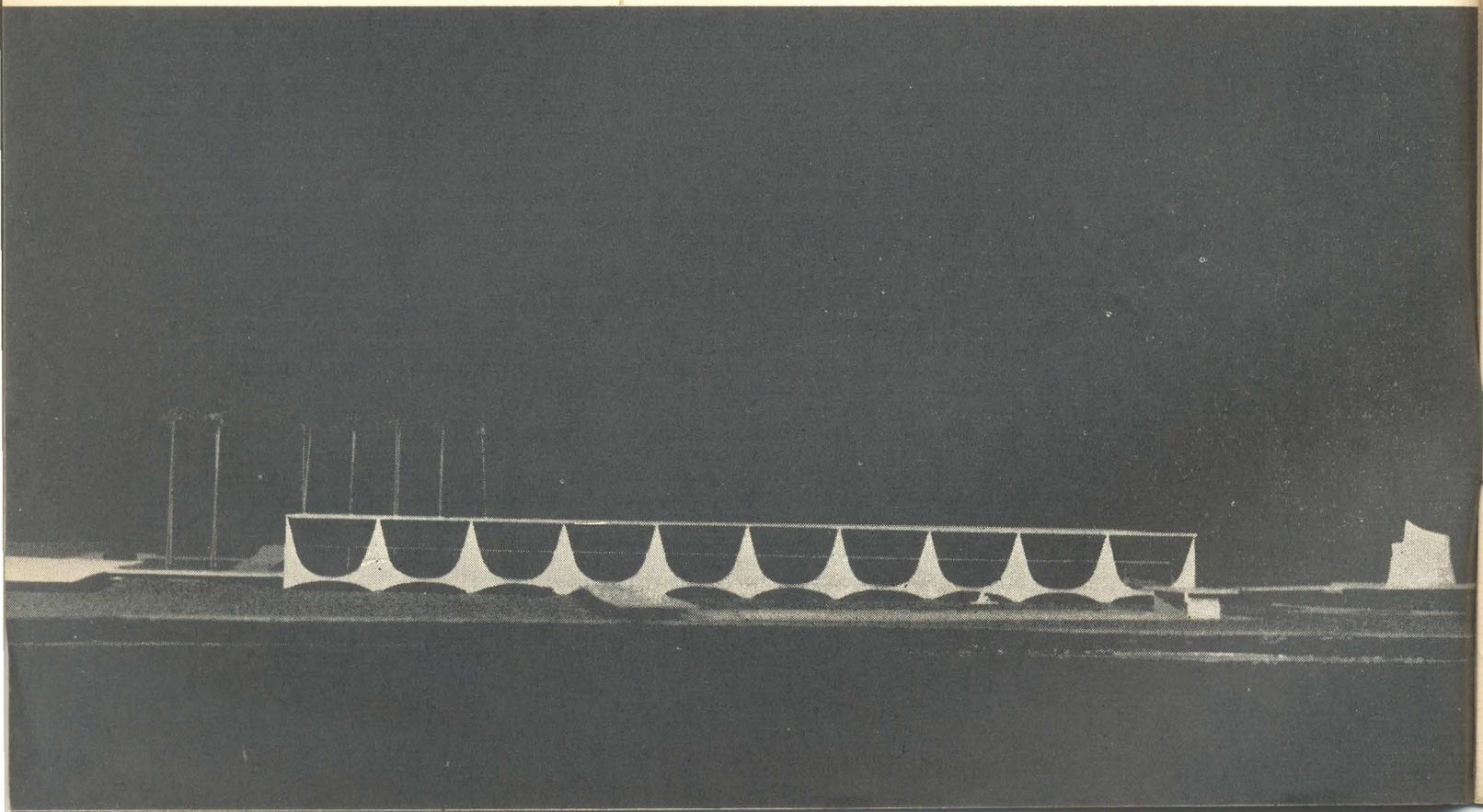
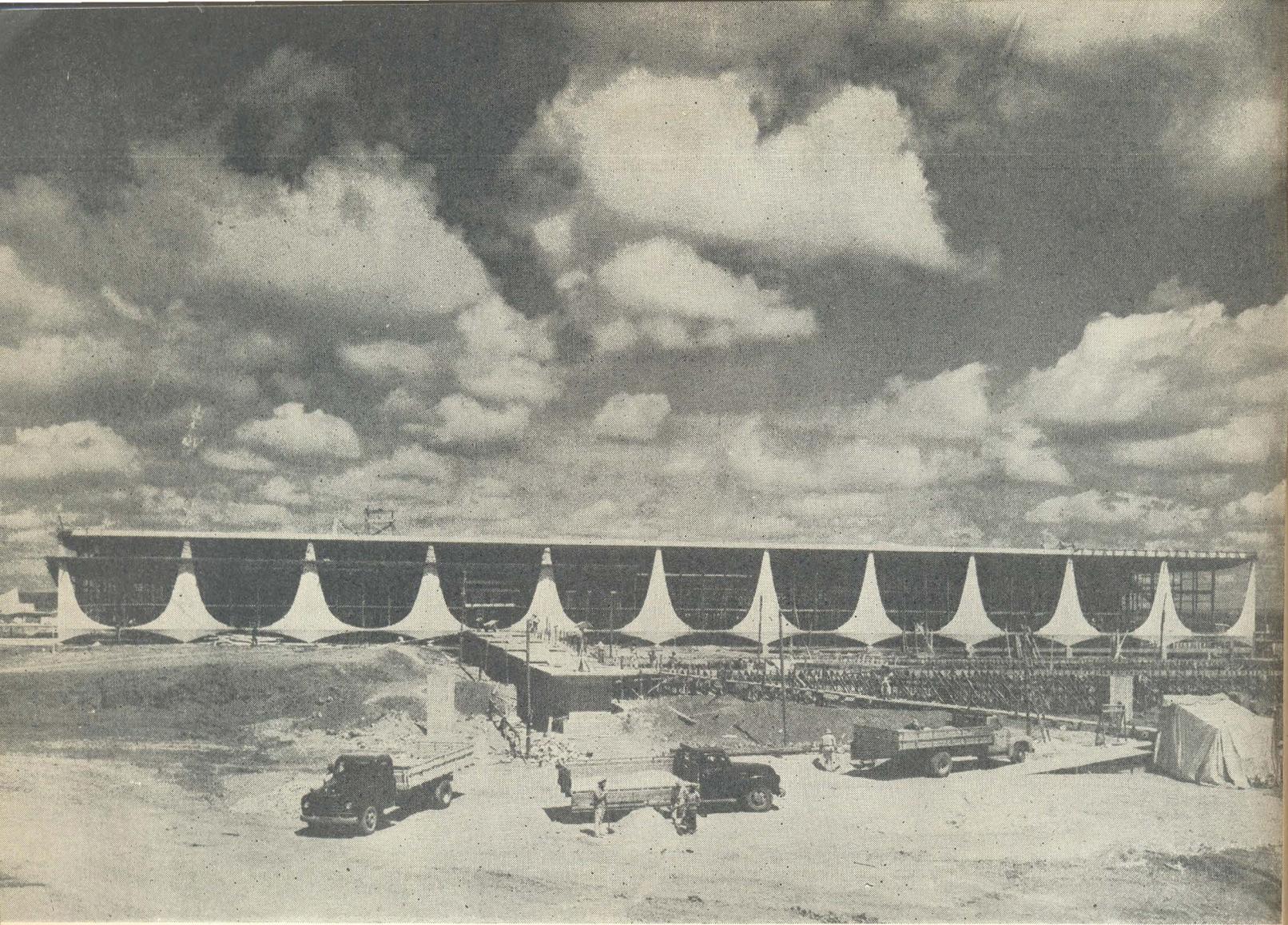
Deputado Geraldo Mascarenhas

Estão prosseguindo, em ritmo acelerado, as obras de construção de Brasília. Os espíritos otimistas que têm oportunidade de visitar a futura Capital voltam com o entusiasmo que os grandes empreendimentos sempre despertam. De fato, a implantação da nova Capital no interior do país significará a redenção de extensas áreas esquecidas e abandonadas. O Rio, como sede política da nação, já realizou a sua tarefa, tal como a cidade do Salvador, no período colonial cumpria a sua. Terminou, praticamente, o período de civilização litorânea. Estímulos mais vigorosos determinam novos rumos e dessa maneira é que começa o interior do país a viver sua própria vida em toda a sua plenitude. É certo que o nosso "hinterland" já teve acentuada importância em nossa vida econômica e política que alcançou sua maior significação no drama da inconfidência. Mas deve-se notar que esse progresso se baseava na transitória exploração das riquezas minerais. A mudança da Capital, na segunda metade do século presente significa o prestígio do Brasil no interior. Localizada no planalto central, Brasília terá diante de si a paisagem imensa da Amazônia cuja integração à nossa vida econômica é de inegável necessidade e responsabilidade para o país. Os vales do Tocantins e do Araguaia deverão ser os primeiros a receber os benefícios da proximidade da nova Capital. A investigação das riquezas, que devem existir em extensas áreas, deverá ser procedida com intensidade cada vez maior. Não se trata apenas de levar a populações que vegetam à margem dos rios e também à margem do progresso o incentivo e também possibilidades reais para o aproveitamento dos recursos que até agora, permaneciam inúteis embora estivessem sempre ao seu alcance. Há alguns espíritos mais conservadores e, por isso mesmo, descrentes nas modificações que afinal traduzem a revolução da vida em suas mais variadas manifestações, que não encaram o empreendimento com o

sentido realista que o mesmo merece. E há até mesmo os que não podem raciocinar com serenidade sobre o fato do Rio vir a deixar de ser a Capital do país. São saudosistas que se antecipam a uma necessidade histórica. O Rio, conforme acentuamos, cumpriu a sua missão como Capital brasileira. Mas isso não quer dizer que tenha cumprido o seu destino. A idade das grandes cidades se mede por milênios. Pela sua situação invejável continuará a desempenhar uma função de mais alta importância na vida do país. Não continuará apenas a ser o grande centro industrial, comercial e distribuidor que é presentemente. A industrialização do vale do Paraíba e igualmente do interior de Minas continuará a fazer desta cidade um grande escoadouro e um grande empório. Ao mesmo tempo, as tradições sociais, de cultura, de arte continuarão a fazer do Rio uma capital espiritual do Brasil.

O Brasil tem possibilidades para erguer em seu interior uma grande Capital e fazer, ao mesmo tempo, com que a antiga continue progredindo. E a esse respeito é elucidativo o fato que se observa na Bahia, onde a velha cidade do Salvador também cresce rapidamente e tende a se desenvolver mais ainda, principalmente se tivermos em vista o desenvolvimento de novas riquezas, entre as quais avulta o petróleo.

Quem viaja o interior do país verifica facilmente o entusiasmo que desperta a nova Capital. Mineiros, goianos, matogrossenses, nordestinos, amazônicos, encaram Brasília como um fato que se fixará nas páginas da história e como a incorporação de vastas áreas esquecidas à riqueza e ao patrimônio da nação. Traduzirá, um dia, o reconhecimento das gerações futuras pelo esforço e pelo sacrifício da geração de hoje. Marcará a fase da transformação econômica do Brasil, a era da nossa industrialização e eternizará, como um de seus grandes feitos, o governo do presidente Juscelino Kubitschek.



a marcha da construção de Brasília

1

A marcha da construção de Brasília prossegue seu ritmo sempre acelerado.

O Palácio da Alvorada recebe os últimos retoques para a sua inauguração a 3 de maio próximo. O Hotel de Turismo também se encontra em fase de acabamento.

Na Praça dos Três Poderes prosseguem as fundações e os fundamentos do Congresso Nacional.

A Esplanada dos Ministérios está com o serviço de terraplenagem completamente ultimado, iniciando-se os preparativos para as fundações. A rodovia Brasília-Anápolis, com seus 130 quilômetros já entregue ao tráfego, e será inaugurada solenemente a 3 de maio vindouro.

A Fundação da Casa Popular envida todos os esforços, no sentido de entregar no dia 3 de maio próximo 500 casas para inauguração e habitação.

Os Institutos de Previdência redobram o ritmo de trabalho, para a conquista de sua tarefa.

O I.a.p.i. gentilmente nos fornecerá o seguinte relatório, que temos o prazer de publicar :

"Pioneiro de Brasília, com a construção e a instalação de um hospital que está atendendo a todas as necessidades médicas de Brasília e dos municípios vizinhos, o I.a.p.i. se dedica, atualmente, à construção dos conjuntos

residenciais nas super-quadras 105 e 305, na aza do lado sul da cidade.

Na quadra 105, com 11 blocos, 8 blocos de 82 m, 44 e 3 de 68 m, 09 de comprimento, os apartamentos serão de dois tipos, com área de 199 e 166 metros quadrados, respectivamente.

Na quadra 305, com 14 blocos, as unidades também serão de 2 tipos, com um mínimo de 66 metros quadrados de área, possibilitando boa moradia aos de menores posses. O total das unidades previstas é de 1.200 apartamentos.

É de prever que em março de 1959 estejam prontos 8 blocos e, em agosto de 1959, mais 3 blocos, completando-se, assim, a quadra 105.

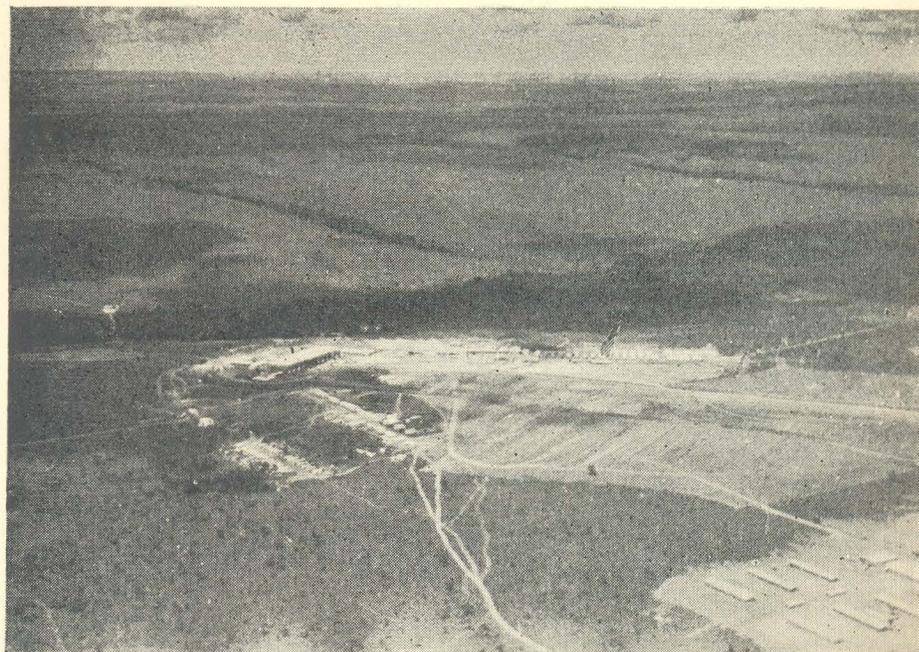
A quadra 305 deverá estar construída até março de 1960.

Já foram iniciados os estudos para a construção da sede do I.a.p.i., a qual, segundo a idéia atualmente preponderante, ficará em conjunto com as sedes dos demais Institutos, na parte mais central da cidade.

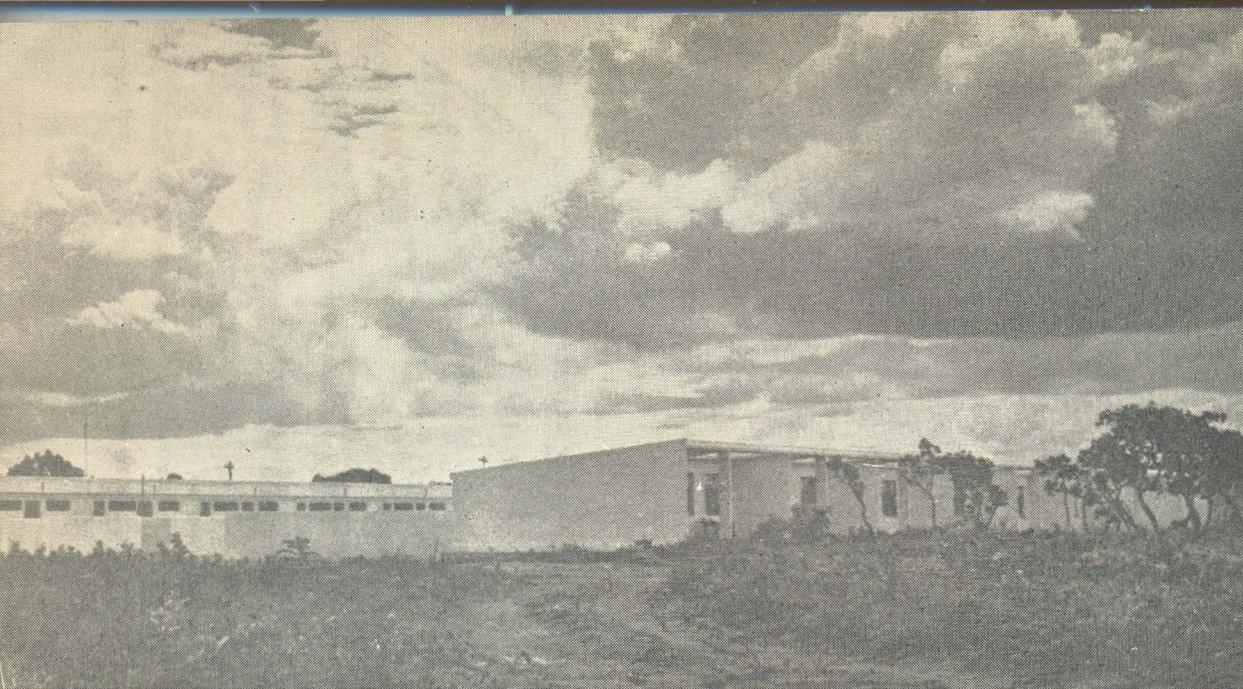
O I.p.a.s.e. termina os trabalhos de fundações. O I.a.p.c. iniciou a construção de 3 edifícios. O I.a.p.e.t.c. já instalou o canteiro de obras e estocou o material. O

I.a.p.b. apresenta as seguintes obras: concretagem da terceira lage do primeiro bloco, segunda lage do segundo bloco; em término, as fundações do terceiro bloco; em início as fundações do quarto bloco.

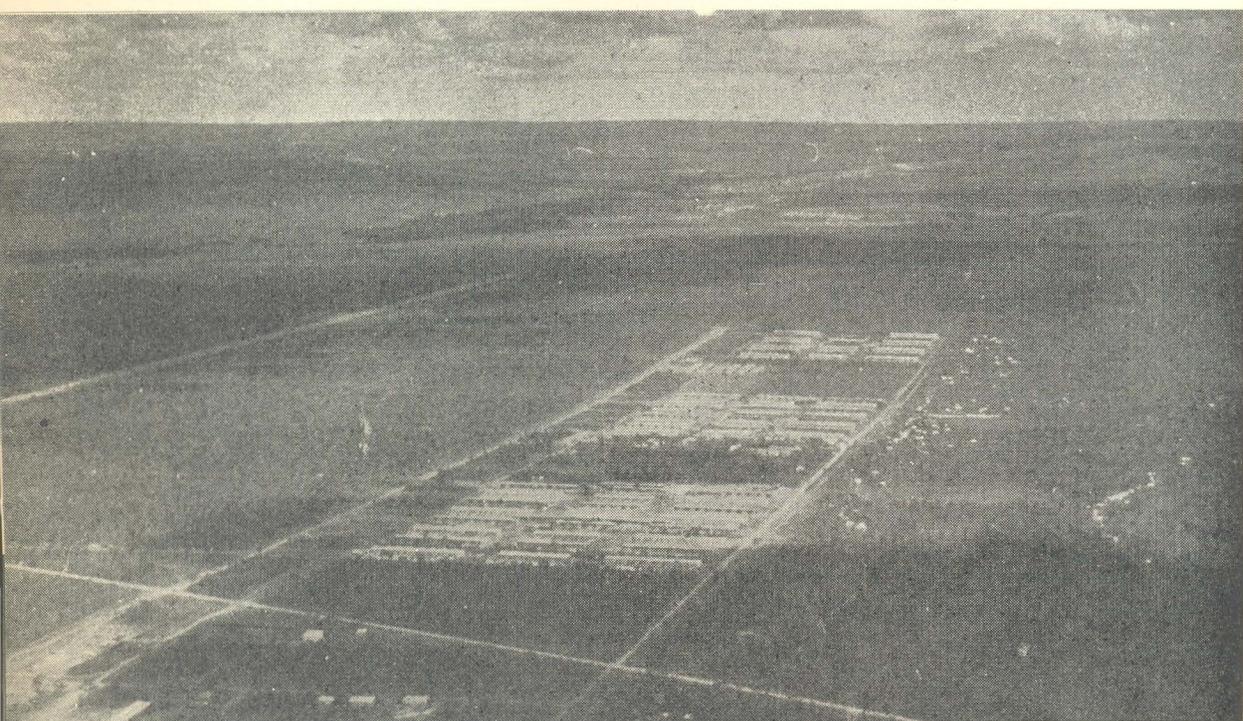
2



1. Acima à esquerda, fachada posterior do Palácio da Alvorada em fase de acabamento. Abaixo maquete do mesmo edifício permitindo uma comparação entre o projeto e a realidade.
2. Vista aérea do Palácio da Alvorada e alojamentos de operários. Adiante, um aspecto do local onde será o lago.



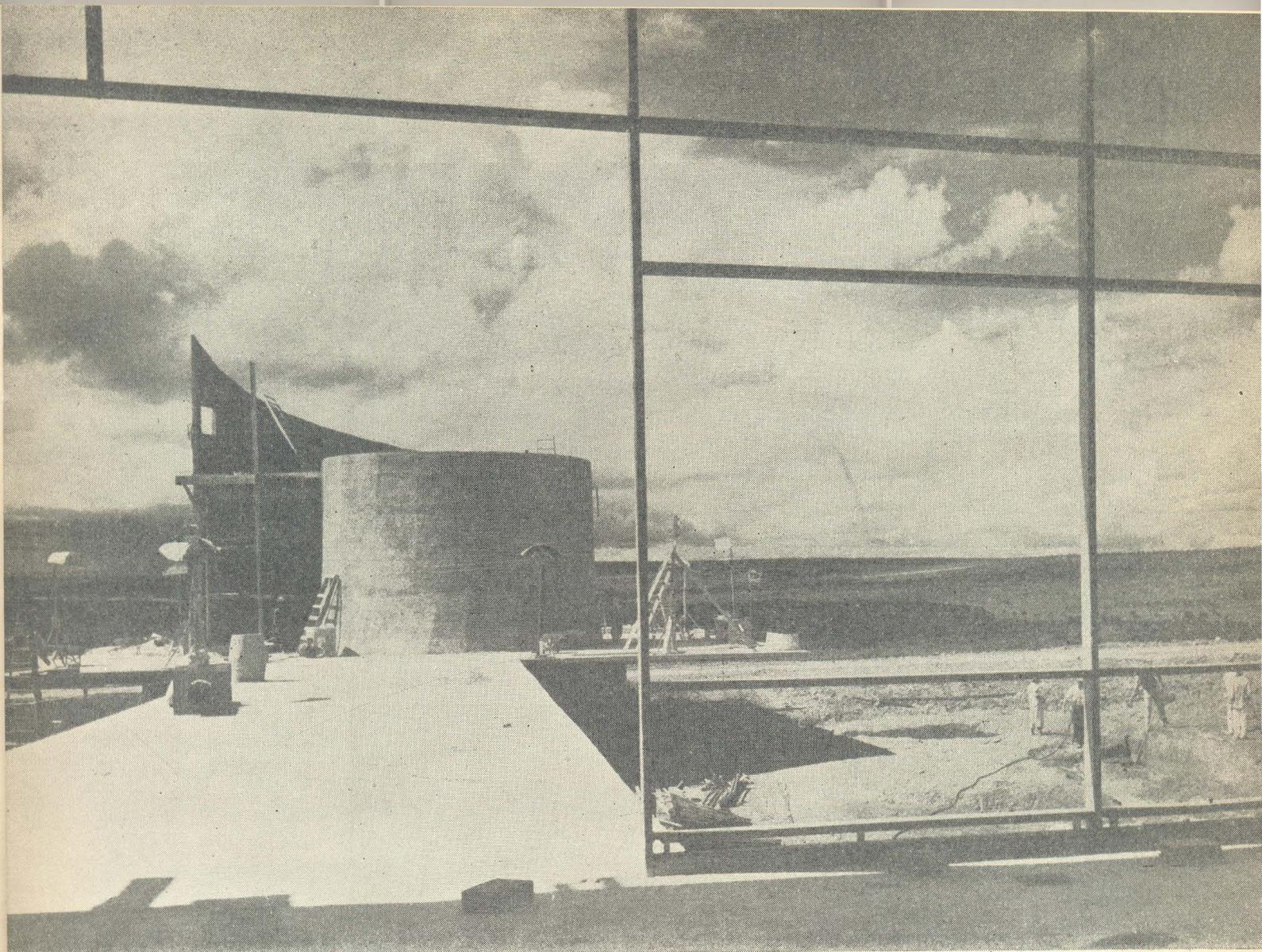
3



4



5

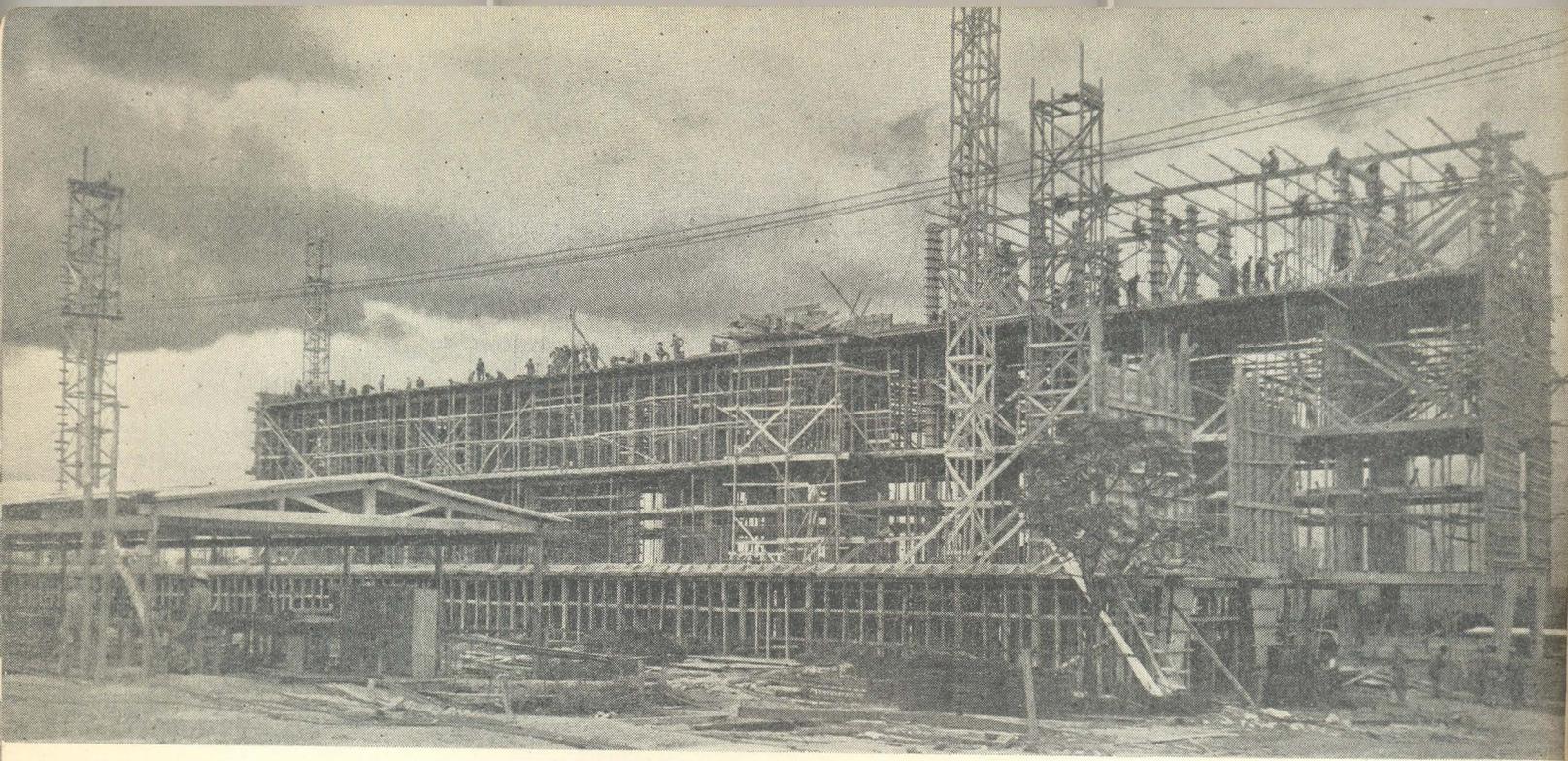


6

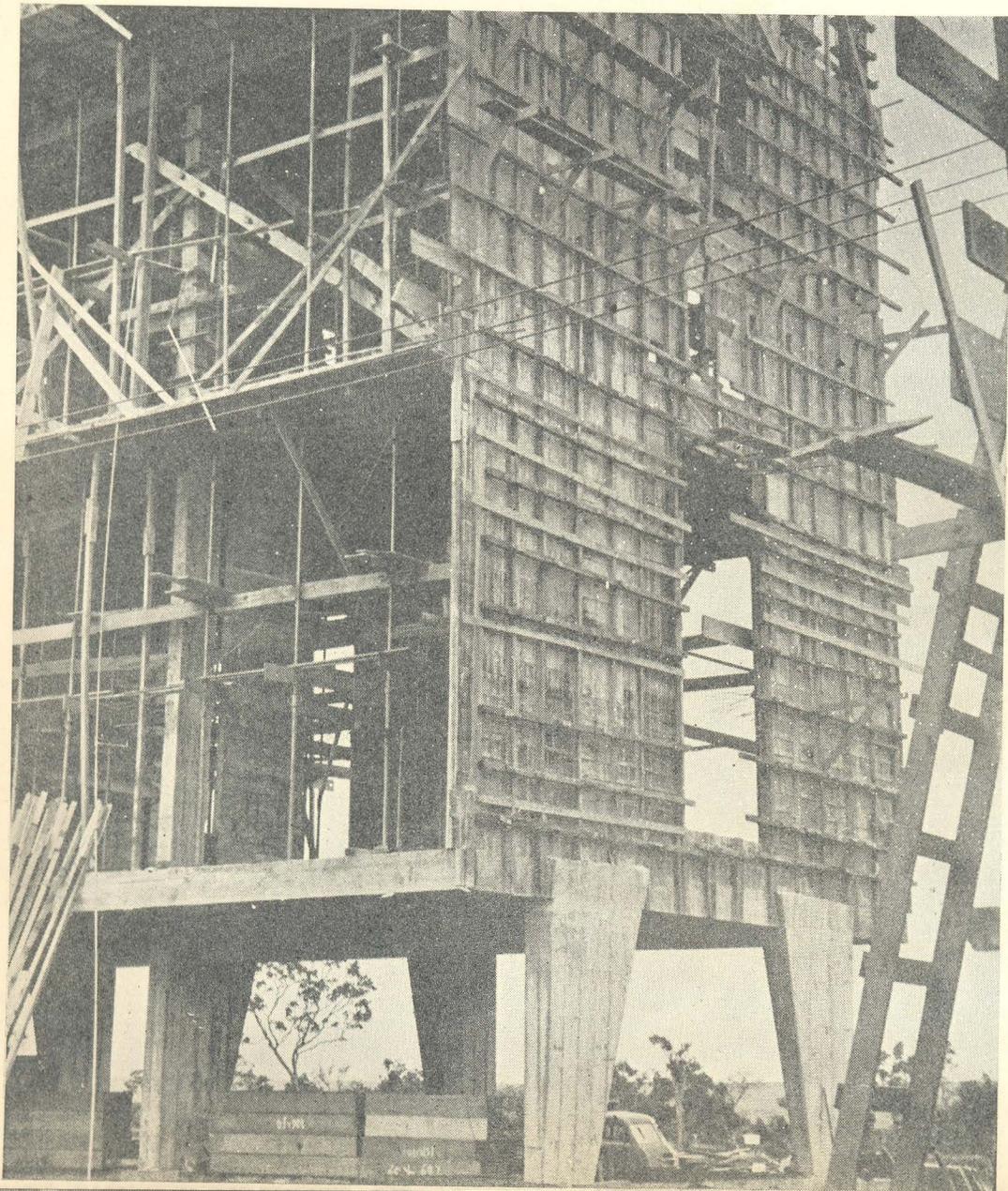
7

3. Casas populares.
4. Uma visão do conjunto das Casas Populares.
5. Vista aérea da Praça dos Três Poderes, Esplanada dos Ministérios e Eixo Monumental.
6. Vista da Capela, através das esquadrias do palácio da Alvorada.
7. Fachada principal do Palácio da Alvorada.





8



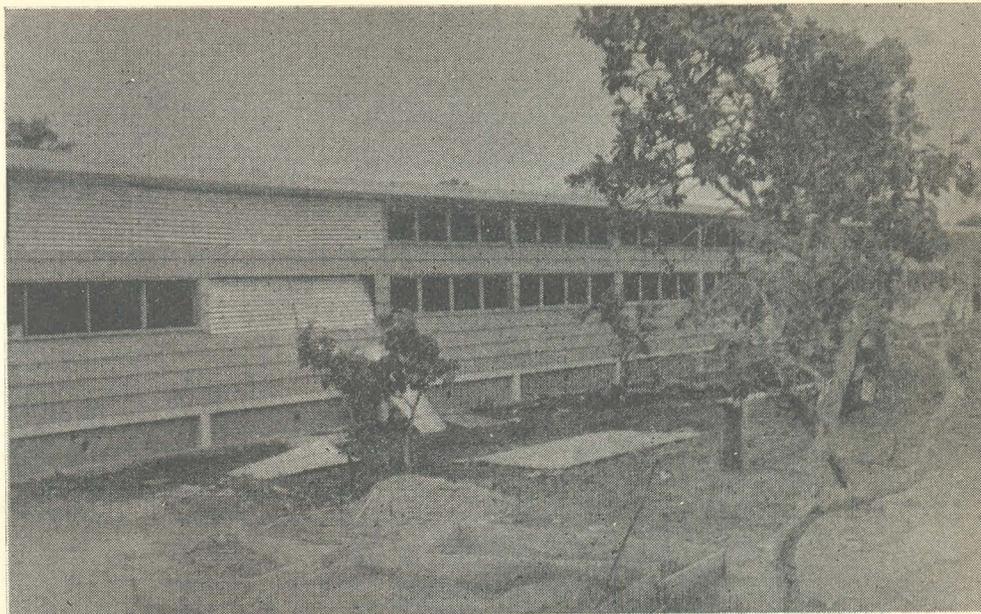
9

8. Dois blocos do conjunto residencial do I.A.P.B., em construção.

9. Detalhe de um dos blocos do I.A.P.B., em pleno andamento.

10. Fachada principal do Colégio D. Bosco, por ocasião de sua inauguração em 1.º de fevereiro.

11. Fase dos trabalhos de terraplenagem.



10

11



arquitetura e urbanismo

Urbanismo — Lúcio Costa
Arquitetura — Oscar Niemeyer

As Artes em Brasília

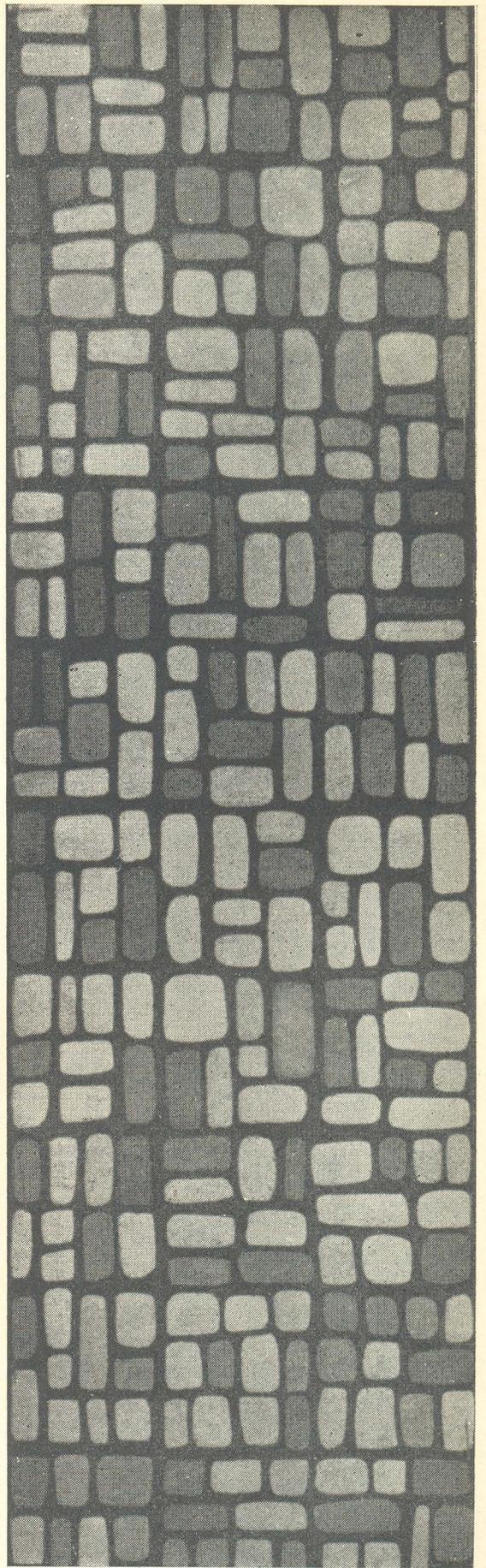
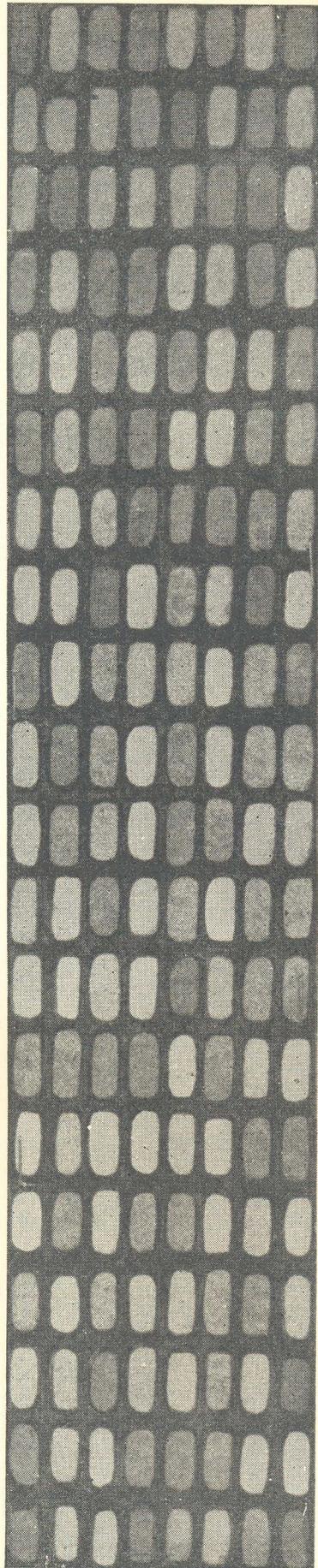
Em Brasília as artes brasileiras, em conjunto, enfrentarão seu primeiro grande desafio, fato a que já está atenta a opinião crítica mundial. Trata-se, por outro lado, de uma das raras tentativas, em nosso século, em todo o mundo, de integrar as várias artes visuais num só vasto trabalho, e dentro, quanto possível, da mesma perspectiva — se não do mesmo estilo, até do mesmo módulo, como os perfeccionistas poderiam almejar. Os realizadores de Brasília (à frente dois artistas de renome internacional, como o são Lúcio Costa e Oscar Niemeyer) não têm escamoteado o problema, demasiado importante para o sucesso da experiência da nova capital. No campo isolado da arquitetura, essa experiência já tem seu êxito assegurado pela à vontade com que colaboram, de longa data, o urbanista Lúcio e o arquiteto Niemeyer. Quanto às outras artes, os dois, bem como a direção administrativa da Novacap, vêm envidando todos os esforços no sentido de reunir, em tórno de Brasília o que de mais vivo e atuante, e de mais alto nível, pode apresentar, em seu estado atual, a arte brasileira. Vários trabalhos, em escultura,

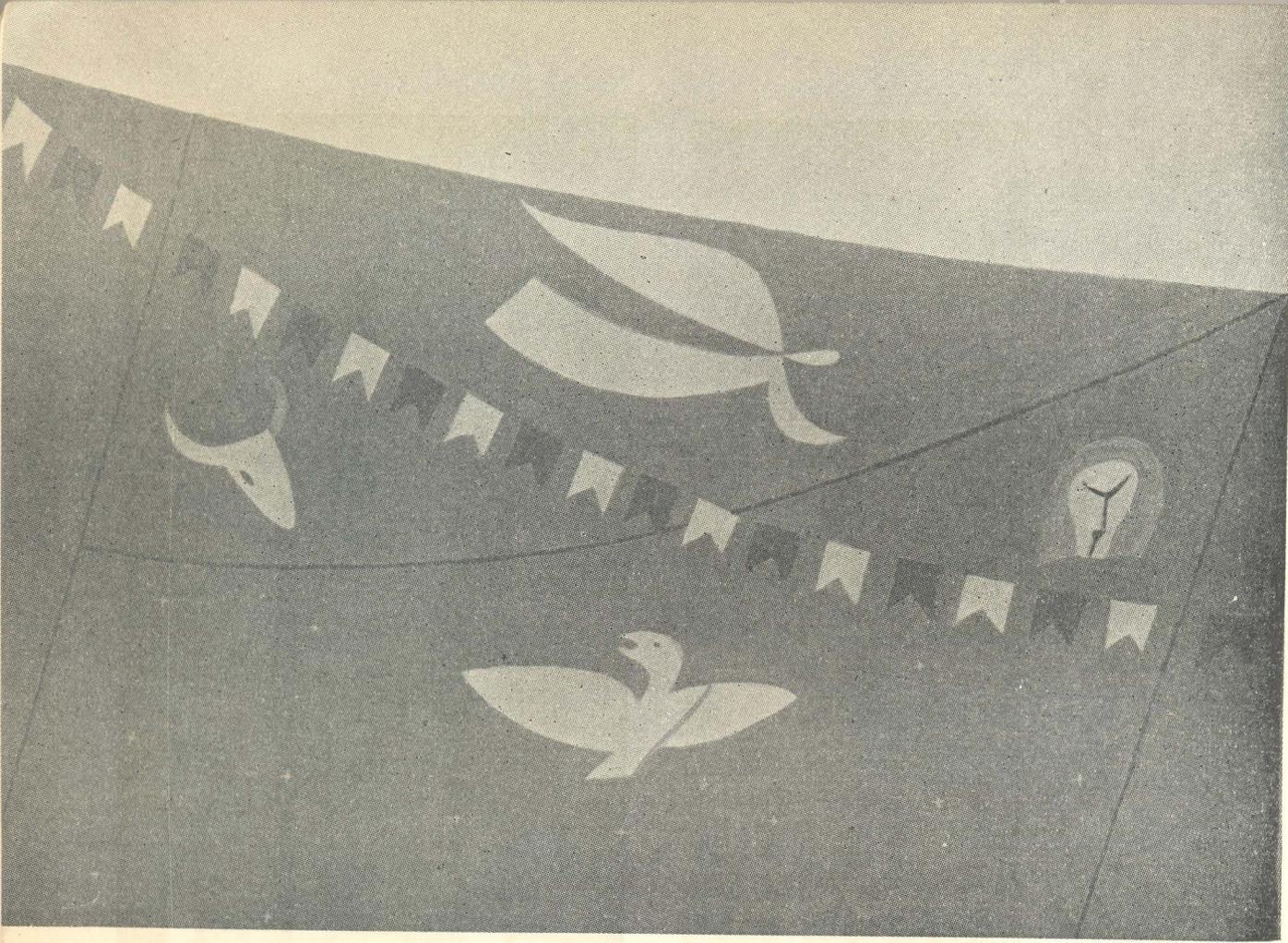
pintura, tapeçaria, vitrais, já estão prontos e outros estão sendo executados, por artistas como Portinari, Di Cavalcanti, Volpi, Bruno Giorgi, Mary Vieira, Ceschiatti, Athos Bulcão, Maria Martins e vários outros. Nossos arquitetos, portanto, não são dos que acreditam não haver lugar para as várias artes plásticas na arquitetura de hoje. Não pensam, como alguns de seus colegas, que a arquitetura moderna, tendo chegado a sua maturidade, deva ficar tal como é, ou prosseguindo sua evolução nas vias estreitas de um funcionalismo técnico. Sabem, pelo contrário que, além disso tudo, a arquitetura moderna tem ainda de desenvolver seus elementos espirituais, sem os quais ser-lhe-á difícil tomar lugar entre as grandes épocas da história da arte.

Basta uma rápida olhadela na direção do passado para observar como a síntese das artes foi completa e pretendida em tôdas as grandes eras arquitetônicas. Assim no Egito, onde embora vejamos uma pintura e escultura tratadas como artes de superfícies, sem relação com a estrutura, puramente archi-

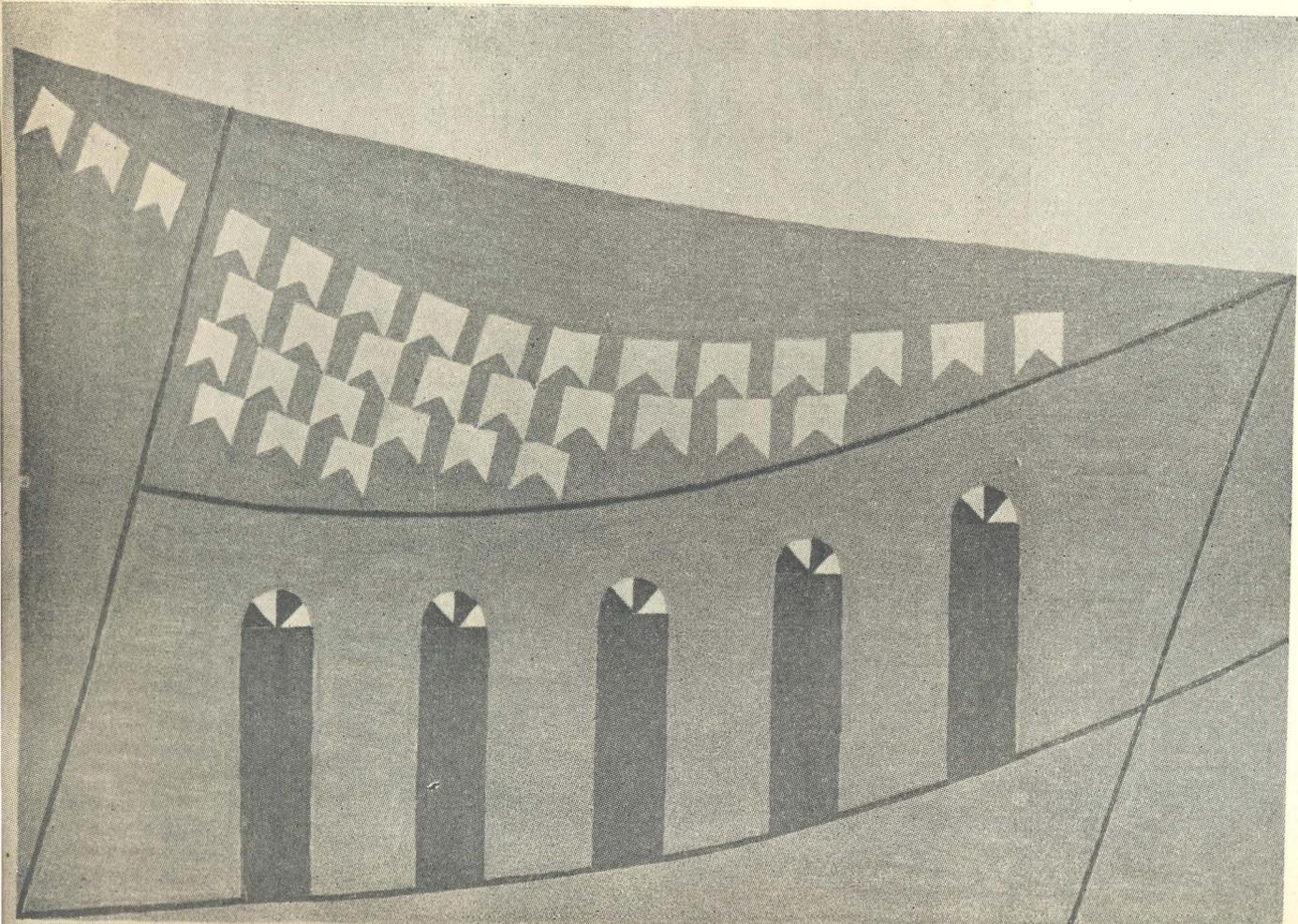
12. Mural de Portinari que deverá ser executado no Palácio da Alvorada.
13. Dois estudos de Athos Bulcão para os vitrais da Capela do Palácio da Alvorada.







14



15

tetural, as relações entre as três artes são evidentes em sua unidade de intenção. A pintura é estritamente mural, a escultura respeita a parede, submetendo-se ao ritmo arquitetônico, que fornece a escala geral. Na arte grega a escultura está tão intimamente ligada à arquitetura que chega a substituir vários elementos estruturais. A decoração é concebida no ritmo da arquitetura, acentuando a pureza das formas e a harmonia características da arte helênica. A policromia é largamente utilizada nas fachadas dos templos, pondo em relevo os diversos elementos da arquitetura.

Entre os romanos observamos uma desintegração das artes plásticas, mas, por outro lado, entre os bizantinos, vemos os mosaicos unindo-se à arquitetura para celebrar a glória de Deus e a vida futura. Os mosaicos de Ravena não se limitam a cobrir as paredes: chegam a criar uma "desmaterialização" do espaço, uma impressão de calma e recolhimento que a arquitetura, bastante primitiva, dos vários locais, seria incapaz de atingir por seus próprios meios.

A pintura tem papel apenas decorativo na

arte românica e quase desapareceu na arte gótica. Mas a escultura se incorporou de tal maneira a arte românica que se transformou em capiteis, colunas, batistérios, sinos, suportes, etc. Na gótica a escultura torna a exteriorizar-se, pela purificação da arquitetura. Mas a unidade de concepção entre essas duas artes é pretendida e alcançada nas catedrais alemãs, francesas, inglesas.

Por mais que na Renascença se tenha desenvolvido a individualidade de artista, não há negar que os renascentistas mantiveram sempre a idéia presente da unidade das artes. E a arte barroca, por sua vez, é notável pela unidade de concepção dos vários elementos que a compõem.

Essa a lição da história da arte. Os criadores de Brasília têm demonstrado compreendê-la. Impõe-se que todas as influências, todos os grupos de pressão se dispam de seus próprios interesses para ajudar Lúcio Costa e Niemeyer a realizar, na alta escala de uma grande cidade, o objetivo até agora aflorado apenas, e em nível diminuto: a integração, em nossa época, das diversas formas artísticas de uma cultura.

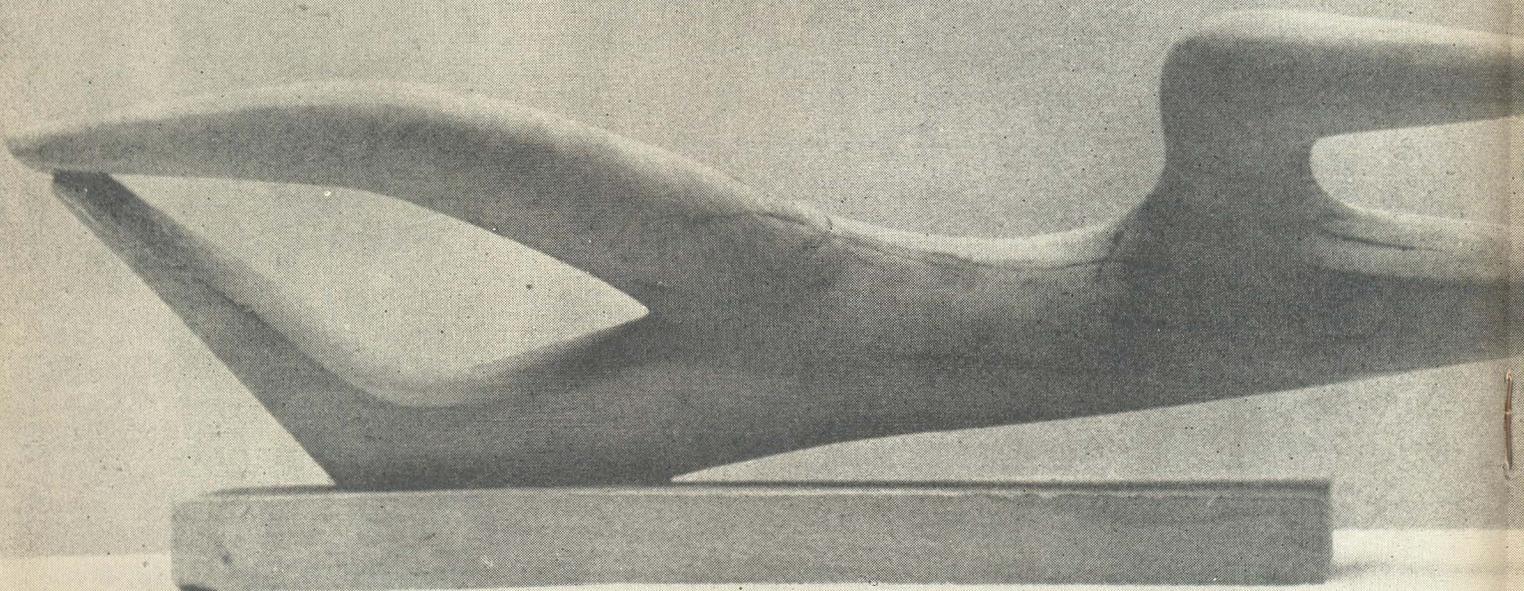
14. 15-16 Estudos dos murais de Alfredo Volpi a serem executados em afresco, na Igreja da Super Quadra (erigida por iniciativa das Pioneiras Sociais).





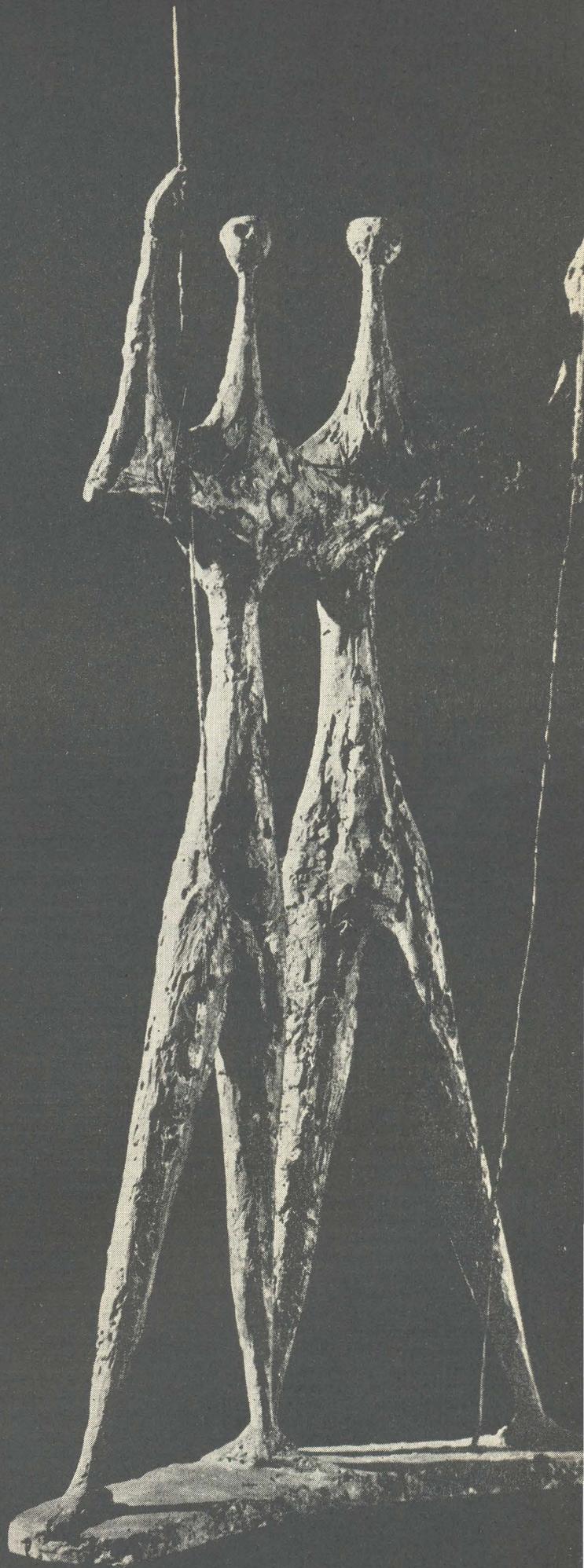
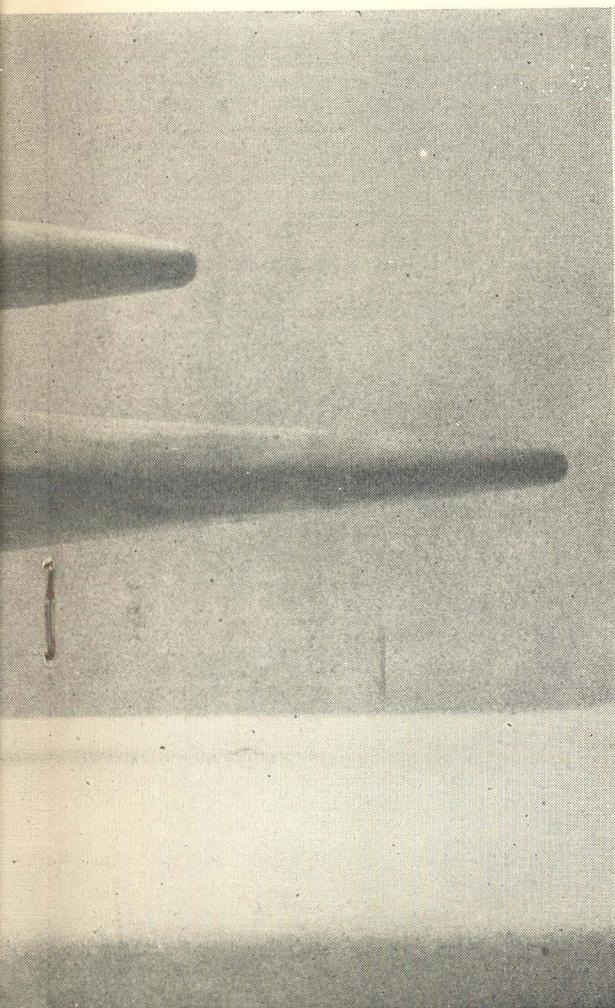
17

18



17. Escultura de Ceschiatti a ser colocada no espelho d'água em frente ao Palácio da Alvorada.
18. Escultura de Edgar Duvivier para o Hotel de Turismo.
19. "Dois Guerreiros" de Bruno Giorgi.

19



onde está Brasília

Oswaldo Orico

Vamos ver, Brasília, se posso deixar aqui, nestas últimas páginas uma impressão lírica da primeira visita que te fiz. Contar aos leitores como te vi em nosso primeiro encontro. Vestida de futura Capital? Nem tanto. Quase nua, isso sim. Ainda despenteada. Com um palácio extravagante assustando os operários com suas linhas arrojadas; um Hotel arrumando as lages para servir de gaveta aos hóspedes; e rolos mecânicos alisando o solo para fazer a Praça dos Três Poderes.

Ninguém poderá, até agora, fazer uma idéia do que serás. Porque ainda não és. Estás por ser. Não és, por enquanto, uma cidade para ser vista, mas para ser adivinhada. Os que vão com pressa de encontrar-te voltam desiludido, falando mal. Não te encontraram, porque não se encontraram antes. Querem antecipar a realidade à realização. Já não és miragem, mas ainda és horizonte. Os que vão ao teu encontro tem de procurar-te onde estás. Não só na arrumação das praças e jardins, no arruado de casas que ainda se encontram nas pranchetas dos arquitetos e urbanistas, mas no espaço em que mãos invisíveis plantam os serviços de base, captando a água, a luz, a energia, para fazer funcionar as torneiras, as lâmpadas, os elevadores. E amansam o sertão, riscando nele estradas e trilhos que já alcançam as cidades vizinhas. Que amanhã chegarão a Belo Horizonte e S. Paulo. E que, um dia, tocarão o litoral. Este litoral gostoso, de que não queremos sair. Tudo isso acontecerá. Enquanto não acontece, a felicidade está em desejar o possível, em conseguir o razoável. Isto é: em concordar que uma Capital não se arranca do chão, como um ovo da cartola de um mágico. É esperar. Enquanto se espera, muitas coisas sucedem liricamente. Por exemplo: ficar um momento junto ao Cruzeiro que domina a cidade, e olhar em torno a geometria do altiplano, para gozar com a vista uma tranquilidade redonda; escutar os nomes dos edifícios que vão nascendo para chamar os ha-

bitantes à Nova Capital. Este é o Palácio da Alvorada. Ali será o Palácio do Planalto. Acolá a Praça dos Três Poderes. Adiante, será — quem sabe? — a Igreja do Orvalho. Ou, talvez, a Praça dos Milagres.

E quando pucharem o lago artificial, colocando ali um círculo d'água, por que não lhe dar um nome romântico, um nome de canção? Por exemplo: Lago Azul. Ou então: Espelho do Céu.

O batismo das construções de Brasília põe no oeste pinceladas de poesia. É como se entre os engenheiros, urbanistas e arquitetos que a erguem do chão, houvesse um pintor que se encarregasse de pedir ao lexico as palavras mais bonitas e sonoras para decorar com elas a fachada dos edifícios que se estão construindo e as placas das avenidas e praças que vão surgir.

A nomenclatura de Brasília — só ela — já explicaria a necessidade de uma urbe onde nunca lessemos nas taboetas: rua do Dr. Fulano; do vereador Sicrano; do major Beltrano. A nomenclatura de Brasília é uma volta à tradição imperial, que fez de Recife a metrópole do bom gosto vocabular; e deu ao inglês Burke a impressão de "ser mais cidade do que o Rio". cidade onde os letrados, em vez de constituírem quebra-cabeças para os turistas e transeuntes, evocam cenários e épocas: rua da Aurora. Palácio das Princesas, rua da Imperatriz, Teatro Santa Isabel, Estrada dos Aflitos, Igreja do Terço, Largo de Cinco Pontas, rua do Encantamento. Pena haverem mudado para Tobias Barreto (mesmo sendo um grande nome) a rua dos sete Pecados Mortais, onde as baianas de Recife vendiam cocadas, bôlo de milho e munguzá...

O senso paisagístico das construções identifica Brasília com a região em que desponta. As palavras que batizam seus edifícios têm aroma. Se as letras, como quer Rimbaud, possuem côr, as palavras possuem asas, como

queria Victor Hugo: "Les vers sont des oiseaux". Transportam-se para a imagem que exprimem. Não é mais novo, atraente, original, em vez de dizer Palácio do Governo, dizer Palácio do Planalto? Não é mais sugestivo chamar — Palácio da Alvorada — à casa residencial do Presidente? E que é, por sinal, a preciosa construção definitiva, quando Brasília nasce

O encanto da Nova Capital não reside apenas na circunstância de ser uma cidade planejada e executada a compasso. Geométrica e fotogênica. Sem mangues nem favelas. Escrita em cimento branco e mármore sobre a crosta vermelha do altiplano. Lá, onde a argila tem côr de carne. Seu atrativo maior está no caráter com que nasceu. Anti-cenográfica. Tendo por si apenas o céu e o horizonte. Tanto assim que foi necessário pedir aos quatro riachos, ao Gama, ao Torto, ao Fundo e ao Bananal um braço emprestado para demarcar no centro a marcha d'água de um lago. Um lago que dará futuramente aos turistas a impressão de haverem encontrado no trópico uma nova Zurich ou uma outra Genebra.

Com coqueiros espichados, olhando de cima a água roubada aos rios...

Vista do alto, Brasília parece, por enquanto uma concha de tênis. Escavadeiras revolveram a terra em cicatriz. Moto-scrappers passaram a ferro o solo, que espera as estruturas metálicas para levantar-se em pilotis e colonatas.

Olhando aquela área salpicada de andaimes, ainda despida das promessas arquitetônicas do Plano Pilôto, sem o arruamento que lhe dará a perspectiva de que carece, a fisionomia urbana que lhe falta, temos vontade de parodiar a quadra que negros do maracatú de Cambinda entoavam dançando em frente da Igreja do Rosário, na Velha Recife colonial



“Se Brasília fôsse minha,
eu mandava ladriá
com pedrinha de diamante
para nonô passeá”.

O Senador Juraci Magalhães, que é um dos políticos mais inteligentes e capazes que possuímos, declarou que foi ver Brasília e não encontrou a Nova Capital. Não viu; mas não gostou. O S. Tomé da UDN, mais realista do que o outro, bateu com o cajado no chão. E como não encontrasse asfalto, nem ouvisse businas, nem apitos de fábricas, lembrou-se que era representante da terra de Castro Alves. Parodiou o poeta :

“Ó Brasília, onde estás que não respondes ?
em que mundo, em que estrêla tu te escondes ?”

Recife, quem ali o recebeu foi Joaquim Nabuco. Êste o levou a visitar Olinda. Para dar-lhe, porém, uma visão real e viva de Pernambuco, não ficou pelo litoral. Subiu ao alto no monte da Fé e de lá descortinou para o visitante o espetáculo de sua terra, transportando-o, instrutivamente, a uma invocação que fizera em seus escritos: “A Alma de Pernambuco, se a atual geração de pernambucanos, esquecendo três séculos de vida local, própria e distinta, renunciasse a ela, estaria . . . nas nossas praias, nas nossas árvores, nas mangueiras, cajueiros, coqueiros e jaqueiras”. Ao que Gilberto acrescentou: também nos nossos montes, nos de Olinda,

nos Guararapes, no das Tabocas, no do Arraial. Cada um com sua data e sua lenda . . .

“Mutatis mutandis”, êsse é igualmente o caso de Brasília. Se pretendessemos esquecer ou renunciar a tôdas as etapas de uma longa e laboriosa formação política e social, nossa alma de pioneiros estaria documentada nessa investida para levantar no sertão a capital administrativa do País Na vizinhança das grandes vertentes do território nacional. Á semelhança do que fizeram os norte-americanos com a conquista do Mississipe e dos Grandes Lagos. E de que resultará um ponto de apoio: “o ponto de apoio da decantada e sempre adiada” marcha para oeste”, para Goiás, para Mato Grosso, Amazonas, Guaporé e Acre, onde o Rio Amazonas e os seus afluentes, inclusive o Tocantins e o Araguaia — segundo a previsão de Peixoto da Silveira — poderão fazer as vêzes de um oceano, uma espécie de Oceano Pacífico . . . brasileiro”.

Se a nossa geração tivesse de aceitar, por uma dessas imposições do destino, de que falava Nabuco, a renúncia de herança seculares, para guardar a sua alma, estaria agora nos contrafortes do Altiplano, impelida pela coragem de levar a civilização do Litoral para o Sertão. Abrindo caminho até antes cerrados.

Na cartografia americana, Brasília não é apenas uma capital que se projeta. É um mundo novo que nasce.

Brasília e o Presidente

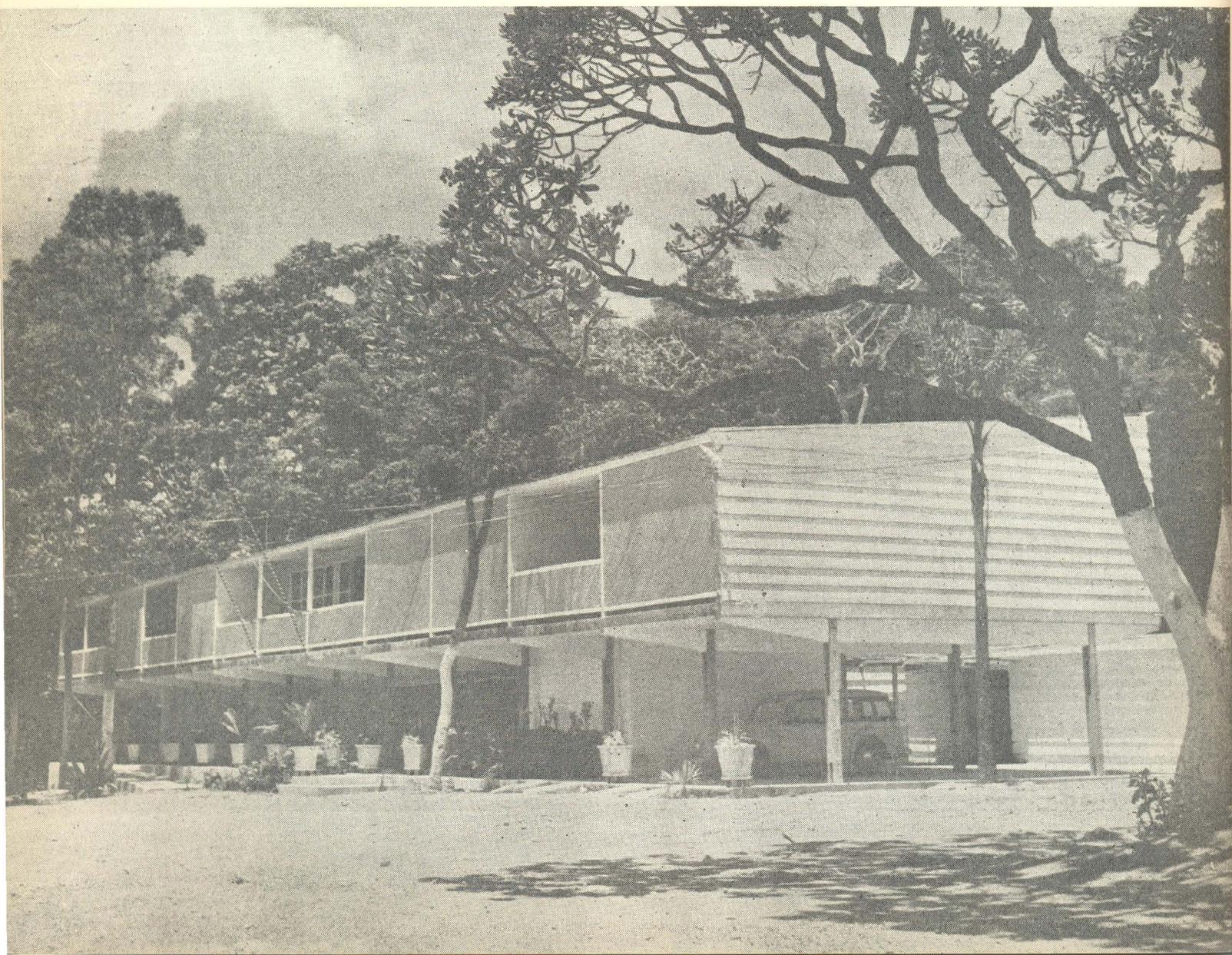
Prof. Hermes Lima

Por ser de absoluta atualidade, transcrevemos, na íntegra, o artigo intitulado "Brasília e o Presidente", que o Prof. Hermes Lima, catedrático da Faculdade Nacional de Direito, publicou no "Jornal do Comércio" de 30 de junho do ano passado :

"A construção de Brasília está se tornando um tópico de agitação política e, como a política também se alimenta de pretextos, é natural que assim aconteça.

A mudança da capital, assunto bem antigo, já se consagraram estudos de maior ou menor interesse, mas todos reveladores de uma aspiração que se foi progressivamente generalizando.

Interessante sobre essa aspiração é haver ela tido por si a unanimidade dos espíritos, enquanto de aspiração não passou. Como sonho ou desejo, todos a aceitavam. Figurando nesse caráter, mas de modo expressivo, no texto de três Constituições republicanas nas de 91, 34 e 46, tinha por si a simpatia de gregos e troianos. Ninguém punha em dúvida



a conveniência da fundação da nova capital que, nos antigos mapas do país, se achava assinalada por um quadrado de linhas em que se lia — futuro Distrito Federal. Mas tratava-se de coisa remota, de uma dessas idéias que se aceitam como ponto de referência a algo escondido nas brumas do porvir e de onde ninguém no íntimo acreditava ser possível retirá-la.

Assim vegetava a idéia da mudança da capital da União. Apesar de figurar tradicionalmente no texto das Constituições republicanas, não significava mais que um voto, um anelo, um desejo piamente patriótico. Mas eis que, de repente, a idéia começa a cobrar alento, e isso aconteceu depois da Carta de 1946, em cujo artigo 4 do Ato das Disposições Transitórias se lê o mandamento imperativo: "a capital da União será transferida para o planalto central do país". Não ficou aí, porém, o texto constitucional. Determinou que, depois de sessenta dias da promulgação daquele Ato, o Presidente da República nomearia uma comissão de técnicos para proceder ao estudo da localização da nova capital, estudo que seria submetido à deliberação do Congresso. Este estabelecerá o prazo para o início da delimitação da área a ser incorporada ao domínio da União e, findos os trabalhos demarcatórios, resolverá sobre a data da mudança da capital.

É claro que a simples leitura desse artigo revela, desde logo, o ímpeto preliminar de um novo esforço no sentido de realizar-se o plano da transferência, que, desse modo, ganhava, como imperativo constitucional, mais autoridade e maior consistência.

No governo do Marechal Dutra iniciaram-se as providências que haveriam de assinalar a nova etapa do movimento mudancista, providências continuadas através do governo Getúlio Vargas. Até que, eleito o Presidente Juscelino Kubitschek, escolhido o sítio da nova capital, o Congresso não hesita e vota unânimemente os créditos e medidas indispensáveis à grande empresa. Não era tudo, porém. Estava faltando a determinação de uma vontade executiva capaz de criar em pleno sertão brasileiro a obra sonhada. É exatamente essa determinação que lhe veio imprimir o atual Presidente. A sinceridade, o entusiasmo, a decisão com que o Presidente se lançou a imensa tarefa, a assistência pessoal que lhe dedica, tudo isto, em continuação às providências preliminares aprovadas e executadas, fez o efeito de um diferente clarão à cuja luz a nova capital tinha de ser entrevista.

Até, então, era através de leis, fórmulas, recomendações e trabalhos preparatórios que se pesavam as possibilidades da futura sede do Governo Federal.

A partir do Presidente Juscelino, porém, a tarefa da mudança passou a assumir caráter prático tão marcante que até partidários da transferência se sentiram como que chocados. Habituarámos a pensar nessa capital como a cidade que não sabíamos de que maneira arrancar de nossas aspirações para a realidade do chão em que Brasília se está erguendo.

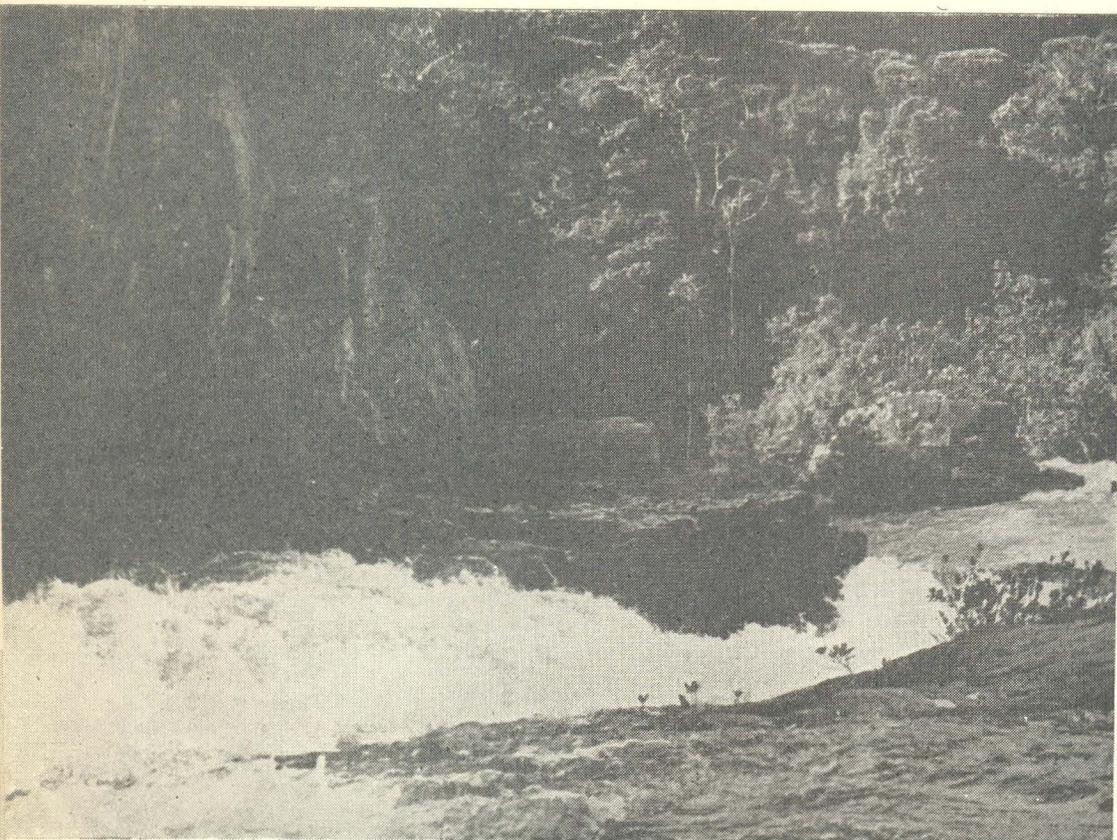
Na verdade, foi preciso que a energia do Presidente tomasse a peito a edificação de Brasília para que nossos olhos, entre espantados e admirados, testemunhassem o que

nossa imaginação não via como situar no tempo. Agora, eles se abrem para o planalto goiano e lá constataam a realidade de uma metrópole nascente, dessa metrópole que há mais que um século, vivia subjetiva das utopias.

Ora, muita gente há para quem é penoso trocar o sonho pela realidade. O sonho é simples e perfeito, a realidade, erizada de problemas, Brasília como aspiração era tema para devaneios, para bate-papos inconseqüentes, embora brilhantes. Porém, como obra em andamento, é motivo para trabalho árduo, vigilância assídua e também para preocupações entre as quais as financeiras. Acusa-se o Presidente de estar fazendo em Brasília gastos exagerados, sobretudo tendo-se em conta a situação atual. Mas, considere-se que, além de legalmente autorizadas, as despesas em Brasília, representam aplicação de interesse profundamente nacional e com a vantagem de abrir, dentro em breve, ao progresso e, em consequência, à nossa rentabilidade, perspectivas as mais compensadoras. Brasília exprime um passo gigantesco para a incorporação de novas áreas físicas e humanas ao esquema do desenvolvimento nacional.

Não são, portanto, gastos improdutos os de Brasília, nem eles concorrem, na ordem geral das grandezas, para agravar as condições financeiras do país; Brasília, colocou-a com razão o Presidente entre as prioridades nacionais, e como prioridade, merecedora de sacrifícios atuais, porém, compensadores, devemos compreendê-la. É uma obra pioneira da mais alta significação, ligada ao domínio econômico e social de nosso vasto território. Seu alcance é transcendental e, com certeza, é a forte consciência que disso tem o Presidente, que o move tão determinadamente na tarefa de dar à União nova sede. Em seu caráter de plano de obra a ser desenvolvido através de longos anos a nova capital terá, sem dúvida, de ser grandiosa. Todavia, isto não exclui a fórmula que, certa feita, sugeri ao então Presidente Dutra para a mudança: coragem e modéstia. Coragem para ir embora, para romper a espessa teia de interesses e sentimentos que se opoiam à transferência. Seria ingênuo supor que uma tarefa dessa natureza não encontrasse obstáculos, principalmente partidos da rotina intelectual e material. E modéstia para construir, para instalar, sendo certo, porém, que o conceito de modéstia não exclui aí a ereção de na infra-estrutura adequada à prestação de serviços básicos como água, energia, saneamento e um mínimo de equipamento para o conforto do trabalho e da moradia.

Uma coisa é hoje absolutamente certa: o Presidente Juscelino não está sozinho em sua determinação de transferir a capital. Vasta corrente da opinião pública, a maioria dessa opinião, pode-se afirmar, acompanhá-lo e apoiá-lo nessa imensa tarefa. A consciência nacional sente que Brasília é a expressão de um esforço para a conquista total do país. Esse esforço encontrou no Presidente seu líder executivo. E as oportunidades não as fazem somente as circunstâncias, mas também e, às vezes principalmente, os líderes".



22

Marechal Rondon

Nacionalista impecável, o Marechal Cândido Rondon quis deixar sua opinião sincera sobre a mudança da capital. Este depoimento legou-o aos brasileiros por intermédio do repórter Daisy Pôrto. Assim se expressou o Marechal Rondon, no presente diálogo :
"Marechal, o senhor conhece o Planalto Central de Goiás" ?

"Sim, fui lá mais de uma vez. É um lugar majestoso. Sob todos os aspectos está em condições de ser a sede da Capital da República. No relatório Cruls está muito bem esplanado o valor da região escolhida para Nova Capital. Conheci Cruls. Era uma autoridade para opinar sobre o assunto."

"Marechal, então, o senhor acha a idéia da mudança muito lógica?"

"Sim, é preciso que o brasileiro se convença, antes de tudo, da necessidade de se povoar esse interior tão abandonado. Essa mudança já devia ter sido feita há muito tempo."

"Não acha o senhor que o Presidente Kubitschek está tendo uma atitude muito precipitada, em transferir assim, com tanta pressa, a capital do país?"

"Não. O Presidente vai fazer o que está planejado há muito tempo. Quem pensar bem o ajudará nesta tarefa."

Brasília

no exterior

A construção de Brasília continua a chamar a atenção de todo mundo. É assunto palpitante, não só no mundo do urbanismo e arquitetura, mas também do comércio e da indústria. Os maiores periódicos mundiais dedicam páginas de longas reportagens, artigos e comentários sobre a nova capital brasileira.

Para provar o que acima dissemos basta ler o relatório que abaixo transcrevemos. É de autoria do Embaixador Raul Bopp, após a exposição de Zurique.

"Encerrada a exposição, a chefia da Amtshaus IV de Zurique (Departamento de Obras do Governo daquela cidade) comunicou a Legação do Brasil em Berna que cerca de 5.000 pessoas a tinham visitado; número deveras satisfatório, tendo em vista o prazo de duração da mostra, isto é, 18 dias. Foram distribuídos aos visitantes cerca de 1.000 catálogos da Exposição. Tal afluência se deve aos 300 cartazes mandados imprimir pela Legação e que foram afixados nas 14 principais cidades da Suíça por um período de duas semanas, além de distribuídos a todos os Consulados brasileiros, bem como a várias entidades públicas e privadas deste país.

A este respeito, vale ainda mencionar o fato de que, dado a afluência crescente de visitantes, a Legação do Brasil em Berna solicitou e obteve da supracitada chefia da Amtshaus IV a prorrogação, por uma semana, da data que havia sido fixada para o encerramento daquela mostra.

Além da distribuição a toda a imprensa,

rádio e televisão, cerca de 250 exemplares da revista "Módulo" e 400 do catálogo da Exposição foram enviados às principais autoridades federais e cantonais da Suíça, a Escolas de Arquitetura, Escolas de Belas Artes, entidades públicas, entidades públicas e privadas de engenharia, arquitetos de maior renome, professores, artistas e associações artísticas, bem como ao corpo diplomático de Berna.

A Legação do Brasil em Berna recebeu uma série apreciável de cartas de congratulação pelo arrojado empreendimento brasileiro, dentre as quais vale salientar, em primeiro lugar, a do Conselheiro Federal Max Petitpierre, Chefe do Departamento Político Federal (Ministro de Estado das Relações Exteriores) e, em segundo lugar, a do Doutor Emil Lundolt, Presidente da Cidade de Zurique. Ambos os textos estão anexados à presente explicação.

Cabe igualmente apontar a visita-aula, feita pelo Professor Jean Gabus, Diretor do Museu Etnográfico de Neuchâtel, no recinto da Exposição. Para isto, em companhia de seus alunos, teve de atravessar praticamente a Suíça de lado a lado. Por sua vez, o conhecido Professor da Escola Politécnica de Zurique, Doutor William Dunkel, organizou, igualmente, na sala da exposição, uma aula no sentido de possibilitar aos seus alunos o estudo orientado do plano piloto de Brasília e dos projetos de edificações. Várias escolas de ensino médio e superior organizaram, também, visitas de caráter letivo".

na literatura

Jorge Ramos

Brasil de ontem, de hoje e de sempre
Fertil e generoso como um Deus !
Que na tua Bandeira
Tens a verde serenidade de um mirante
Para os horizontes do futuro
E o ouro da luz alta em que caminhas !

Brasil ardendo em côr, bebendo luz
Tronco em flor de séculos de história
Com a raiz lusiada do sonho !
Brasil ameríndio,
Ousado caminheiro de sendas milenárias
Filho remoto da aurora !

Regressa a ti mesmo, à tua própria alma,
Reencontra teu coração no planalto
Onde, na verdade tiveste o berço,
Tu que semeaste cidades no sertão !
Amanheces novamente na terra virgem
Que se entrega com alvoroços de surpresa,
É embalará teu destino
Com a bênção do cruzeiro do sul,
Brasil mais moço, mais forte, mais puro !

Levarás contigo o esplendor de São Paulo
O ritmo da Bahia,
A graça ondulante do litoral,
A tradição e a inquietude,
O luar de Catulo e os pampas gaúchos,
O cântico do Amazonas, os sinos de Ouro Preto
A viola capixaba, os palmars do Pará,
As orações dos rios e o silêncio verde
Das florestas
Onde escondes, Brasil, os teus tesouros !

Brasília
É a tua primeira missa
No esplendor imortal da tua glória,
Brasil !



noticiário

A mais brasileira

No discurso do Segundo Aniversário de seu Governo, o Presidente da República, assim se referiu a Brasília :

"Quando assumi o Governo, a criação de uma nova capital no centro do País pervagava no domínio dos mitos. Durante décadas, a única solução dada ao problema fôra meramente cartográfica: nos mapas do País desenhava-se um retângulo de côr assinalando a localização do futuro Distrito Federal. Prometi ao povo brasileiro que, encerrada a minha gestão, haveria de dar ao País, através de um novo centro administrativo, um novo sendo de sua unidade e, por conseguinte, de sua existência orgânica. Creio que são poucos os que, hoje duvidam da seriedade da minha promessa, da determinação de meu intento, Brasília, sem ser ainda a Capital, já é o orgulho e a esperança de todos os brasileiros — um motivo de admiração para o mundo. Antes mesmo de instalar-se, estará ligada aos nossos centros urbanos mais adiantados, unificando o que ainda constitui, mais do que a Nação, o arquipélago brasileiro. Brasília é uma realidade. Não preciso insistir em que a transplantação da Capital para seu sítio próprio é o marco de uma nova era, de uma concepção mais realista e mais correta de todos os problemas da nacionalidade. Agradeço a Deus o privilégio que me concedeu, de ter contribuído para a realização de um empreendimento dessa magnitude.

Visita honrosa

Estêve em visita a Brasília o Presidente do Museu de Arte Moderna de Nova Iorque, Sr. William Burden, que ficou maravilhado com a construção da futura capital brasileira. Solicitado a externar sua opinião, disse: "Simplesmente maravilhoso".

Palmeiras para Brasília

Cinco mudas da palmeira que Dom João VI plantou em 1809, no Jardim Botânico desta capital, foram oferecidas pelo Sr. Tibyriçá Reys à direção da Novacap, por ocasião da visita que um grupo de funcionários do Banco do Brasil fez a Brasília.

O Sr. Tibyriçá Reys, que é um dos diretores da Cruzada Tradicionalista Brasileira, disse-nos que as mudas presenteadas à Novacap serão plantadas no Palácio da Alvorada, no Aeroporto, Praça dos Três Poderes, no Jardim Botânico e no jardim da residência do futuro Prefeito de Brasília.

Na mesma oportunidade, o Sr. Tibyriçá Reys entregou ao Sr. Israel Pinheiro diversos volumes para a futura Biblioteca de Brasília, bem como moedas raras para uma coleção numismática oficial.

Personalidades em Brasília

Diretores da Pan American e outras personalidades norte-americanas, que ora realizam uma viagem pela América do Sul, estiveram em visita a Brasília, juntamente com diretores da Panair do Brasil e jornalistas.

Ao desembarcarem no aeroporto da futura capital da República, foram recebidos pelo Sr. Israel Pinheiro, diretor da Novacap, que os acompanhou durante o curso da visita

fornecendo, igualmente, explicações sobre as obras que ali estão em andamento.

Participaram da visita os Srs. Juan Trippe, presidente e diretor executivo da Pan American; W. L. Morrison, vice-presidente executivo e encarregado da Divisão Latino-Americana; John Leslie, vice-presidente; Roger Lewis, vice-presidente executivo; Henry Friendly, vice-presidente e conselheiro legal; Harold Bisby diretor da General Public Utilities; Norman Chandler, diretor do jornal Los Angeles Times e da Kaiser Steel Corp; Roy Howard, diretor do Comitê Executivo da empresa jornalística W. E. Scripps; David Ingalls, presidente e diretor do Jornal Cincinnati Times Star; Mark T. McKee, presidente da Wisconsin & Michigan Steamship. Edward McDonnell, diretor da Pepsi-Cola e Vernon F. Taylor, presidente da Peeless Oil and Gas Co.

Da Panair do Brasil participaram da visita à Brasília os Srs. Manoel Ferreira Guimarães, diretor-presidente; César Pires de Melo, diretor-superintendente; Valentim Bouças, presidente do Conselho Administrativo; Eduardo Bahout, membro do Conselho Fiscal; Dr. Ildefonso Mascarenhas, diretor do Conselho Administrativo e Cmte. Roberto de Sousa Dantas, diretor-gerente da Celma. À frente do grupo de jornalistas estava o Sr. Herbert Moses, presidente da Associação Brasileira de Imprensa.

Pioneiras em Brasília

Estêve em Brasília, em companhia de suas filhas, a Sra. Sarah Kubitschek que foi à futura Capital inspecionar as campanhas que as Pioneiras Sociais realizam ali sob a orientação da Sra. Israel Pinheiro. Com poucos meses de existência as Pioneiras de Brasília já contam uma enorme fôlha de serviços prestados. Assim é que um Hospital Volante percorre os diversos acampamentos de operários prestando graciosamente, assistência médico-social. O setor de Corte e Costura confecciona roupa para os escolares.

Aeronáutica

Por determinação do Ministro da Aeronáutica, estão sendo realizadas em Brasília as primeiras obras destinadas aos serviços da Força Aérea Brasileira. Assim é que, no dia 21 do corrente, foi iniciada a construção do alojamento-piloto para militares da FAB, destacados na nova capital.

Os trabalhos deverão estar concluídos dentro de quarenta dias, o que proporcionará ao pessoal da FAB para ali designado, acomodações condignas e melhores condições de trabalho. Atualmente, a Força Aérea Brasileira está representada, em Brasília, por um destacamento de Base, comandado pelo major-aviador Francisco de Assis Lopes.

Uma Nação Nova surgirá

O Dr. Thales de Melo, inspetor da Alfândega de Santos e conhecido homem de letras estêve em visita a Brasília. Posteriormente declarou: "Creio firmemente na nova Capital. Aliás, sempre fui apologista de se melhorar o interior do país. Há necessidade de se aproveitar o território nacional. Precisamos nos expandir. E o país, tão desconhecido em seu interior, conhecerá novos rumos quando ali estiver funcionando a sede do Governo".

Ensino

O Dr. Célio Fonseca, Inspetor Regional do I. b. g. e., em Goiás, deu-nos a presente e valiosa colaboração sobre o ensino em Brasília, que temos o máximo prazer de publicar :

"Acham-se funcionando na futura Capital dois cursos ginasiais e sete de ensino fundamental comum, sendo :

Ginásial. Há dois ginásios: o Colégio Brasília, situado no Núcleo Bandeirante e o Colégio Dom Bosco; o primeiro, de iniciativa particular, e o segundo, construído pela Novacap e entregue à direção de Irmãs Salesianas.

Iniciaram ambos suas atividades escolares em 15/3/58, tendo uma matrícula total de 153 alunos (apenas no curso ginásial).

Primário. Os dois ginásios mantêm, subsidiariamente, cursos primários. Existem ainda os seguintes estabelecimentos de ensino fundamental comum, situados no Núcleo Bandeirante: Escola Paroquial Nossa Senhora de Fátima, Instituto Educacional Brasília, Escola Primária Presbiteriana, Escola de Igreja Metodista, bem como o Grupo Escolar da Novacap (GE-1), no acampamento central.

O número de alunos matriculados em todos os estabelecimentos, englobadamente, ascende a 993 alunos, sendo 429 do sexo masculino e 504 do sexo feminino.

Pela sua magnitude, merece destaque o Grupo Escolar da Novacap, o primeiro dentre uma série que aquela entidade pretende criar.

Foi inaugurado em 10/9/57, com a presença do Ministro da Educação e do Secretário de Educação de Goiás.

Possui instalações de cozinha, incluindo geladeira e liquidificadores para preparo de lanches e refeições ligeiras; parque recreativo, com piscina, rodas giratórias, balanços, escorregadores e barras; biblioteca infantil, com 103 livros pedagógicos, 22 informativos e 108 recreativos, num total de 243 volumes; bandinha de música, instalações de banho quente e frio; modernas instalações sanitárias; 4 salas de aula, com capacidade para 34 alunos cada uma; caixa escolar para fornecimento de material aos alunos pobres; clube agrícola e jornal manuscrito pelos próprios alunos.

O prédio foi projetado por Oscar Niemeyer e obedece a linhas modernas de apurado gosto.

O Grupo funciona em dois turnos, tendo uma equipe selecionada de 11 professoras, inclusive 1 especializada em canto e outra em desenho e modelagem.

Estão matriculados no modelar estabelecimento 318 alunos, sendo 151 do sexo masculino e 167 meninas.

24. Associação Atlética do Banco do Brasil em visita a Brasília. (Foto de M. Fontenelle).



Boletim

ano II — fevereiro de 1958 — n.º 14
Companhia Urbanizadora da Nova Capital
do Brasil — Novacap (Criada pela Lei n.º
2.874, de 19 de setembro de 1956). Sede:
Brasília. Escritório no Rio, av. Almirante
Barroso, 54 - 18.º andar.

Atos da Diretoria

Ata da quinquagésima sétima reunião da Diretoria da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil.

Aos sete dias do mês de janeiro de mil novecentos e cinquenta e oito, às dez horas, no escritório da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil, sito na Avenida Almirante Barroso, cinquenta e quatro, décimo oitavo andar, reuniu-se a Diretoria da Companhia, com a presença do Presidente Doutor Israel Pinheiro da Silva e dos Diretores Doutores Ernesto Silva e Íris Meinberg. Deixou de comparecer o Doutor Bernardo Sayão por se encontrar em Brasília. Aberta a sessão, por proposta do Senhor Presidente, decidiu a Diretoria aprovar a concorrência realizada nos Estados Unidos da América do Norte para compra das estruturas metálicas destinadas aos edifícios ministeriais e ao do Congresso, em Brasília. Em seguida, resolveu aprovar a celebração de um convênio entre a Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil e o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, para realização de exposição dos trabalhos artísticos, arquitetônicos e urbanísticos da Novacap. Em seguida, deliberou encaminhar a consideração do Conselho de Administração da Companhia a proposta da Geofoto S/A para execução do levantamento aerofotogramétrico da área do futuro

Distrito Federal, em escala de 1:25.000 e curvas de nível de cinco em cinco metros. Decidiu ainda, a Diretoria, submeter ao Conselho de Administração, aprovando-a preliminarmente, a doação de quadras da Planta de Brasília, de números 21 (vinte e um), 22 (vinte e dois), 27 (vinte e sete), 28 (vinte e oito), 29 (vinte e nove), 30 (trinta), 35 (trinta e cinco), 36 (trinta e seis), 37 (trinta e sete), 38 (trinta e oito), 43 (quarenta e três), 44 (quarenta e quatro), 45 (quarenta e cinco) e 46 (quarenta e seis), à Fundação da Casa Popular, na forma da lei, para construir, dentro do prazo de 1 (um) ano, 500 (quinhentas) casas geminadas. Nada mais havendo a tratar, o senhor Presidente deu por encerrada a sessão, da qual, para constar, lavrei a presente Ata que, lida e achada conforme, vai assinada pelos Membros da Diretoria presentes e subscrita por mim, José Pereira de Faria que servi como secretário. Israel Pinheiro, Ernesto Silva, Íris Meinberg.

Ata da quinquagésima oitava reunião da Diretoria da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil.

Aos quatorze dias do mês de janeiro de mil novecentos e cinquenta e oito, às dez horas, no escritório da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil, sito na Avenida Almirante Barroso, cinquenta e quatro, décimo

Diretoria

Presidente :

Dr. Israel Pinheiro da Silva.

Diretores :

Dr. Bernardo Sayão de Carvalho Araújo.

Dr. Ernesto Silva.

Dr. Íris Meinberg.

Conselho de Administração

Presidente :

Dr. Israel Pinheiro da Silva.

Membros :

Dr. Adroaldo Junqueira Aires.

Dr. Alexandre Barbosa Lima Sobrinho.

Dr. Aristóteles Bayard Lucas de Lima.

Dr. Epílogo de Campos.

General Ernesto Dornelles.

Dr. Tancredo Godofredo Viana Martins.

Dr. Erasmo Martins Pedro, secretário.

Conselho Fiscal

Membros :

Dr. Herbert Moses.

Dr. Luiz Mendes Ribeiro Gonçalves.

Major Mauro Borges Teixeira.

Dr. Vicente Assunção, suplente.

Dr. Themístocles Barcellos, suplente.

oitavo andar, reuniu-se a Diretoria da Companhia, com a presença do Presidente Doutor Israel Pinheiro da Silva e do Diretor Doutor Íris Meinberg. Deixaram de comparecer os Diretores Doutores Bernardo Sayão e Ernesto Silva por se encontrarem em Brasília. Não havendo número legal deixou de se realizar a sessão do que, para constar, lavrei a presente Ata que, lida e achada conforme, vai assinada pelos Membros da Diretoria presentes e subscrita por mim, José Pereira de Faria na qualidade de secretário. Israel Pinheiro, Íris Meinberg.

Ata da quinquagésima nona reunião da Diretoria da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil.

Aos vinte e dois dias do mês de janeiro de mil novecentos e cinquenta e oito, às dez horas, no escritório da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil, sito na Avenida Almirante Barroso, cinquenta e quatro, décimo oitavo andar, reuniu-se a Diretoria da Companhia, com a presença do Presidente Doutor Israel Pinheiro da Silva e dos Diretores, Doutores Ernesto Silva e Íris Meinberg. Deixou de comparecer o Doutor Bernardo Sayão por se encontrar em Brasília. Aberta a sessão, decidiu a Diretoria, nos termos do art. 21 da Lei 2.874, de 19 de setembro de 1956, encaminhar ao Conselho de Administração, para fins de autorização de dispensa de concorrência pública, o con-

trato para o desmatamento da área a ser inundada, em Brasília. Nada mais havendo a tratar, o Senhor Presidente deu por encerrada a sessão, da qual para constar, lavrei a presente Ata que, lida e achada conforme, vai assinada pelos Membros da Diretoria presentes e subscrita por mim, José Pereira de Faria que servi como secretário. Israel Pinheiro, Ernesto Silva, Íris Meinberg
Ata da sexagésima reunião da Diretoria da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil.

Aos vinte e nove dias do mês de janeiro de mil novecentos e cinqüenta e oito, às dez horas, no escritório da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil, sito na Avenida Almirante Barroso, cinqüenta e quatro, décimo oitavo andar, reuniu-se a Diretoria da Companhia, com a presença do Presidente Doutor Israel Pinheiro da Silva e dos Diretores, Doutores Ernesto Silva e Íris Meinberg. Deixou de comparecer o Doutor Bernardo Sayão por se encontrar em Brasília. Aberta a sessão, decidiu a Diretoria, nos termos do art. 21 da Lei 2.874, de 19 de setembro de 1956, encaminhar ao Conselho de Administração o pedido de dispensa de concorrência pública para as fundações do Palácio dos Despachos e do Supremo Tribunal Federal. Nada mais havendo a tratar, o Senhor Presidente deu por encerrada a sessão, da qual, para constar, lavrei a presente Ata que, lida e achada conforme, vai assinada pelos Membros da Diretoria presentes e subscrita por mim, José Pereira de Faria que servi como secretário. Israel Pinheiro, Ernesto Silva, Íris Meinberg.

Atos do Conselho

Ata da quadragésima primeira reunião do Conselho de Administração da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil, sob a presidência do Doutor Israel Pinheiro da Silva.

Aos oito dias do mês de janeiro do ano de mil novecentos e cinqüenta e oito, nesta cidade do Rio de Janeiro, na Avenida Almirante Barroso, cinqüenta e quatro, décimo oitavo andar, às dez horas, reuniu-se o Conselho de Administração da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil, sob a presidência do Doutor Israel Pinheiro da Silva, e com a presença dos Conselheiros supra assinados. Lida e aprovada a Ata da sessão anterior, o senhor Presidente submeteu à apreciação do Conselho a proposta encaminhada pela Diretoria no sentido de serem doados à Fundação da Casa Popular, 500 (quinhentos) lotes de terreno, destinados à construção de habitações populares em Brasília. O Conselho, após debater o assunto, resolveu aprovar a proposta, nos termos da seguinte Resolução: — "Resolução nº. 14. O Conselho de Administração da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil, considerando que a Fundação da Casa Popular é o órgão governamental que tem por finalidade precípua a construção de casas populares; considerando que a Fundação, por sua organização administrativa e estrutura legal somente pode construir em terrenos que lhe forem doados; considerando a urgente necessidade de habitações populares em Brasília; considerando que a Fundação da Casa Popular é entidade criada pelo Governo Federal; e, tendo em vista os termos da proposta da Diretoria da Novacap, usando da competência que lhe atribui o artigo 12,

parágrafo 8º. da Lei 2.874, de 19 de setembro de 1956, combinado com o artigo 13, item I, dos Estatutos Sociais da Novacap, resolve: autorizar a doação à Fundação da Casa Popular, de 500 (quinhentos) lotes urbanos em Brasília, destinados à construção de 500 (quinhentas) casas populares, mediante os seguintes encargos I — A Donatária se obriga a construir nos lotes doados 500 (quinhentas) casas populares, obrigando-se a concluir a construção dentro do prazo de 1 (um) ano, a contar da data da escritura de doação. II — A Donatária, no mesmo ato da escritura de doação, apresentará as plantas, projetos e especificações das casas a serem construídas, devidamente aprovadas pela Novacap. III — As casas construídas pela Donatária ficarão sujeitas ao regime legal de Brasília. IV — Durante 2 (dois) anos após a conclusão da construção, ficará assegurado à Novacap o direito de locar as casas construídas, podendo sublocá-las a seus funcionários. V — Fica a Diretoria da Novacap autorizada a tomar tôdas as medidas necessárias à efetivação da doação, inclusive a escolher e demarcar a área a ser doada". Em seguida, o senhor Presidente distribuiu para estudo aos Conselheiros Adroaldo Junqueira Ayres e Bayard Lucas de Lima, respectivamente, o ante-projeto de regulamentação do inciso 6, artigo 13 dos Estatutos Sociais, e a proposta para que a Novacap participe da exposição internacional de indústria e comércio, a realizar-se nesta Capital. Nada mais havendo a tratar o senhor Presidente encerrou a sessão, da qual, para constar, eu Erasmo Martins Pedro, secretário do Conselho, lavrei a presente Ata, que vai por mim assinada e encerrada pelo senhor Presidente. Israel Pinheiro, Bayard Lucas de Lima, A. Junqueira Ayres, Epílogo de Campos, Ernesto Dornelles, Barbosa Lima Sobrinho, Tancredo Martins.

Ata da quadragésima segunda reunião do Conselho de Administração da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil, sob a presidência do Doutor Israel Pinheiro da Silva.

Aos quinze dias do mês de janeiro do ano de mil novecentos e cinqüenta e oito, nesta cidade do Rio de Janeiro, na Avenida Almirante Barroso, cinqüenta e quatro, décimo oitavo andar, às dez horas, reuniu-se o Conselho de Administração da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil, sob a presidência do Doutor Israel Pinheiro da Silva, e com a presença dos Conselheiros abaixo assinados. Lida e aprovada a Ata da sessão anterior, o senhor Presidente deu a palavra ao Conselheiro Doutor Barbosa Lima Sobrinho para relatar o processo referente à concessão de uma usina de açúcar destinada ao abastecimento de Brasília. Após o relatório, o senhor Presidente solicitou o adiamento da votação a fim de que fossem esclarecidos diversos aspectos do problema. O Conselho prosseguiu igualmente na discussão do ante-projeto de regulamentação do inciso 6, art. 13, dos Estatutos Sociais. Nada mais havendo que tratar o senhor Presidente encerrou a sessão, da qual para constar, eu Erasmo Martins Pedro, secretário do Conselho, lavrei a presente Ata, que vai por mim assinada e encerrada pelo senhor Presidente. Israel Pinheiro, A. Junqueira Ayres, Ernesto Dornelles, Barbosa Lima Sobrinho, Bayard Lucas de Lima, Tancredo Martins, Epílogo de Campos.

Ata da quadragésima terceira reunião do Conselho de Administração da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil, sob a presidência do Doutor Israel Pinheiro da Silva.

Aos vinte e dois dias do mês de janeiro do ano de mil novecentos e cinqüenta e oito, nesta cidade do Rio de Janeiro, na Avenida Almirante Barroso, cinqüenta e quatro, décimo oitavo andar, às dez horas, reuniu-se o Conselho de Administração da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil, sob a presidência do Doutor Israel Pinheiro da Silva, e com a presença dos Conselheiros supra assinados. Lida e aprovada a Ata da sessão anterior, o senhor Presidente fez uma exposição do andamento dos trabalhos da Novacap em Brasília. Em seguida, não havendo nenhum outro assunto em pauta, foi pelo senhor Presidente encerrada a sessão, da qual, para constar, eu Erasmo Martins Pedro, secretário do Conselho, lavrei a presente Ata, que vai por mim assinada e encerrada pelo senhor Presidente. Israel Pinheiro, Ernesto Dornelles, Bayard Lucas de Lima, Epílogo de Campos, Barbosa Lima Sobrinho, A. Junqueira Ayres.

Decreto nº. 43.285 de 25 de fevereiro de 1958.

Constitui Grupo de Trabalho com o fim de Promover a Transferência de Órgãos Federais para Brasília.

O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o artigo 87, item I, da Constituição, decreta :

Art. 1º. — Fica constituído junto ao Departamento Administrativo do Serviço Público um Grupo de Trabalho com a finalidade de promover as providências indispensáveis à transferência dos órgãos federais para Brasília.

Art. 2º. — Ao G. T. compete :

a) realizar os estudos necessários destinados ao levantamento dos órgãos federais a serem transferidos para Brasília;

b) verificar as necessidades mínimas do pessoal que irá atender aos órgãos federais transferidos, levando-se em consideração o número de servidores e a natureza do trabalho a ser desempenhado;

c) inquirir diretamente com base em questionário apropriado, os servidores lotados nos órgãos federais a serem transferidos para Brasília, a fim de verificar as condições de família de cada um e o desejo de fixar domicílio na nova Capital;

d) organizar a relação dos servidores federais sediados no Distrito Federal e nos Estados que, mediante carta ou pessoalmente, manifestarem a vontade de ir para Brasília;

e) estudar e propor ao Presidente da República a solução que considerar mais adequada ao problema do pessoal para Brasília, em face das conclusões do inquérito e do arrolamento de que tratam as alíneas a e d;

f) estudar o plano de levantamento do material permanente para os órgãos federais a que se refere a alínea a deste artigo;

g) superintender a execução do plano do levantamento do material permanente;

h) estudar o plano de transporte do material permanente para a nova sede dos órgãos federais que forem transferidos para Brasília;

derais que forem transferidos para Brasília;

i) promover os estudos necessários ao plano de levantamento da bagagem e móveis dos servidores públicos a serem lotados em Brasília;

j) superintender e coordenar a execução dos planos de transportes a que se referem as alíneas h e i;

k) cadastrar as residências construídas em Brasília destinadas aos servidores federais;

l) estudar o plano de habitação dos servidores que forem lotados em Brasília tendo em vista as residências cadastradas;

m) estudar e promover as demais medidas consideradas indispensáveis à transferência de órgãos federais a serem sediados em Brasília;

n) informar mensalmente o Presidente da República sobre o andamento dos trabalhos, propondo, se for o caso, providências de ordem excepcional, necessárias à consecução dos objetivos previstos neste Decreto.

Art. 3º. — O G. T. será dirigido pelo Diretor Geral do Departamento Administrativo do Serviço Público e terá a seguinte composição:

a) um representante do Estado Maior das Forças Armadas (E. m. f. a.), designado pelo respectivo chefe;

b) um representante da Companhia Urbanizadora da Nova Capital;

c) um representante de cada Ministério Civil.

Parágrafo único. Será designado pela autoridade competente, um membro suplente para cada representante.

Art. 4º. — O Diretor-Geral do Departamento Administrativo do Serviço Público designará, entre os componentes do G. T., um para, na qualidade de Diretor-Executivo, coordenar as atividades dos setores de trabalho a que alude o art. 5º, bem as da Secretaria a que se refere o art. 7º.

Art. 5º. — O G. T. poderá organizar setores de trabalho mediante ato de seu dirigente, para elaborar projetos imprescindíveis à execução de suas tarefas.

Art. 6º. — O Dirigente do G. T. poderá propor ao Presidente da República a designação de Assessores Técnicos para o desempenho de encargos complexos de natureza especial.

Art. 7º. — O G. T. terá como órgão administrativo, uma Secretaria, sendo seus componentes designados pelo Diretor-Geral do D. a. s. p.

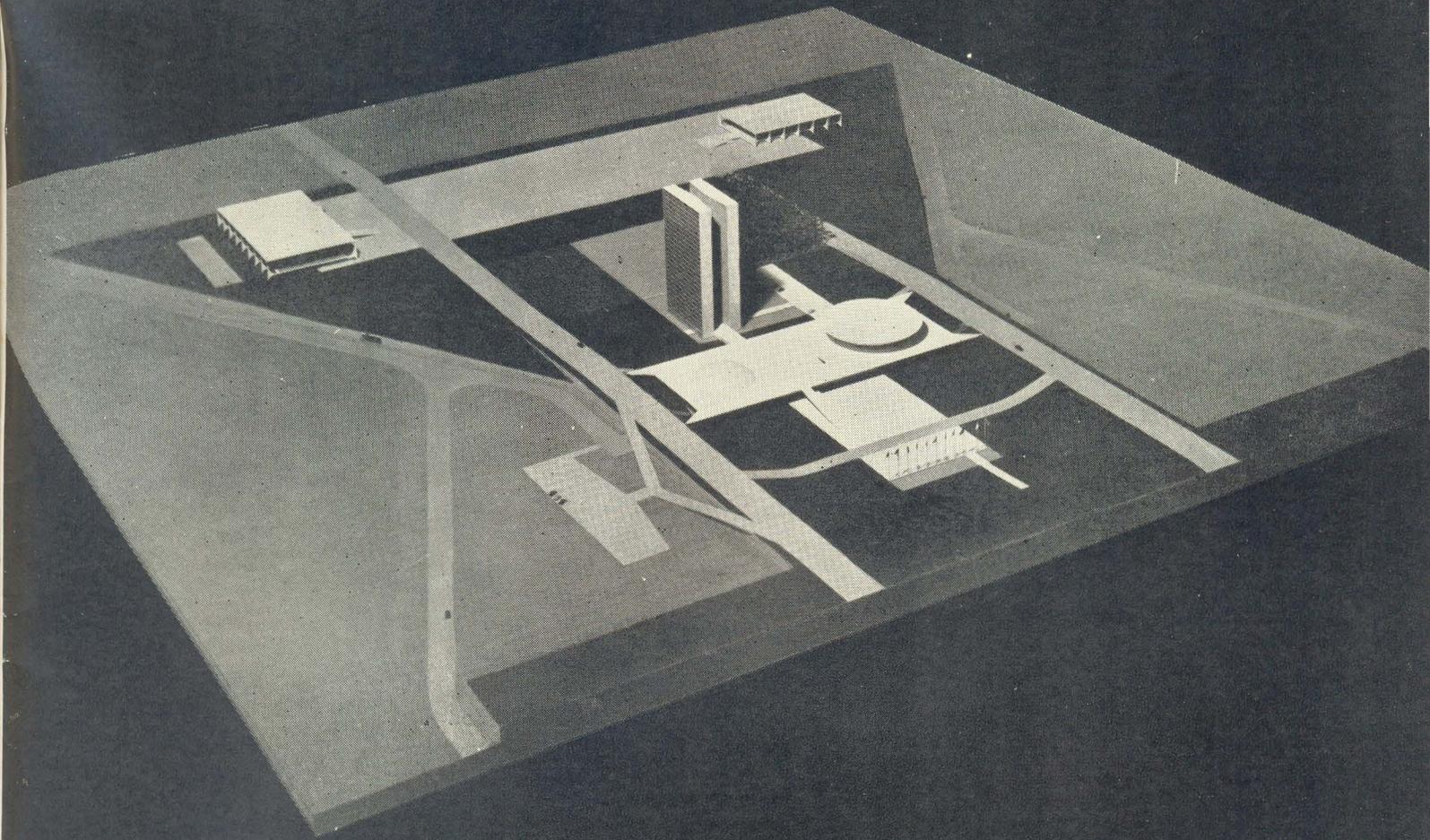
Art. 8º. — Os órgãos da administração direta ou indireta, inclusive as Sociedades de Economia Mista, porão à disposição do G. T. os servidores que o mesmo necessitar e lhe prestarão toda a colaboração e assistência que se tornarem indispensáveis à informação de seus estudos e ao funcionamento de seus trabalhos.

Art. 9º. — Este Decreto entrará em vigor na data da sua publicação.

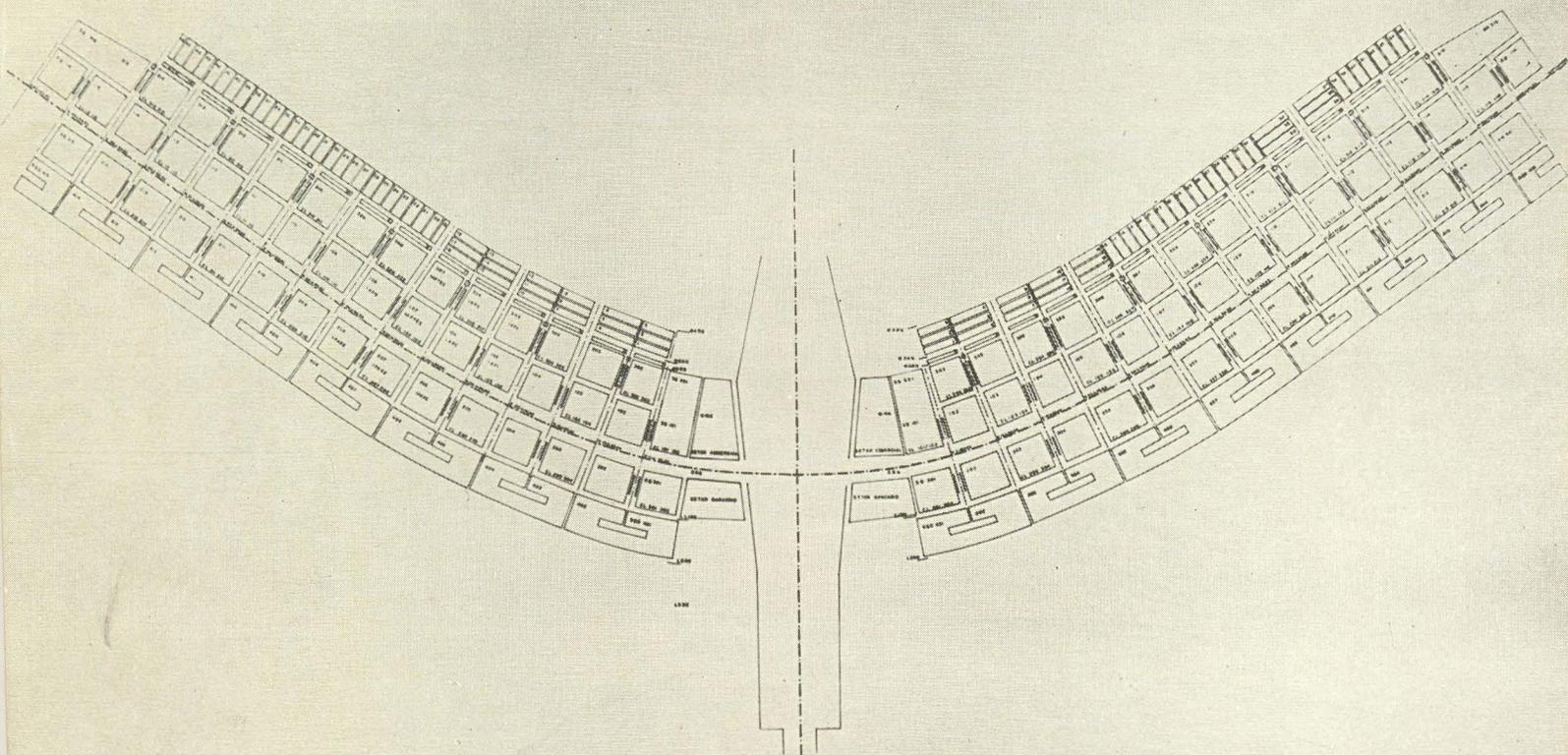
Art. 10º. — Revogam-se as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, em 25 de fevereiro de 1958, 137º da Independência e 70º da República. Juscelino Kubitschek, Eurico de Aguiar Sales, Antônio Alves Câmara, Henrique Lott, José Carlos de Macedo Soares, José Maria Alkmin, Lúcio Meira, Mário Meneghetti, Clóvis Salgado, Parsifal Barroso, Francisca de Melo e Maurício de Medeiros.

(Diário Oficial, Seção I, 25 de fevereiro de 1958).



ADQUIRA SEU TERRENO EM BRASÍLIA



**JÁ SE ACHAM DISPOSTOS À VENDA,
NOS ESCRITÓRIOS DA NOVACAP,
OS TERRENOS DE BRASÍLIA,
NAS ZONAS COMERCIAIS E RESIDENCIAIS.**